

O Evangelho segundo o Espiritismo



Allan Kardec

CAPÍTULO X – Bem-aventurados os que são misericordiosos

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO X)

Índice

Capítulo X – Bem-aventurados os que são misericordiosos.	03
Perdoai, para que Deus vos perdoe	03
O perdão	04
Culpa, perdão e autoperdão	06
Reconciliação com os adversários	08
O perdão cômodo e mentiroso	09
O perdão faz bem à saúde	11
O sacrifício mais agradável a Deus	12
Retenção de ressentimento – um bloqueio para o amor	13
Considerações sobre a adoração	14
O argueiro e a trave no olho	16
Minha descoberta com o argueiro e a trava no olho	17
Espírita não condena	19
Não julgueis, para não serdes julgados.	
Atire a primeira pedra aquele que estiver sem pecado	22
Fazei tudo o que ele vos disser	23
Reflexões	26
Instruções dos Espíritos. Perdão das ofensas	28
O arrependimento e o perdão	30
Perdão: antibiótico contra vingança	32
A indulgência	33
Indulgência a virtude da compreensão	35
O tesouro dos Espíritos	39
É permitido repreender os outros, notar as imperfeições de outrem, divulgar o mal de outrem?	41
Perante os hipócritas	42
Falar ou não falar	44

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO X)

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – Allan Kardec Capítulo X – Bem-aventurados os que são misericordiosos

1. Perdoai, para que Deus vos perdoe

1. Bem-aventurados os que são misericordiosos, porque obterão misericórdia.
(S. MATEUS, cap. V, v. 7.)

2. Se perdoardes aos homens as faltas que cometerem contra vós, também vosso Pai celestial vos perdoará os pecados; — mas, se não perdoardes aos homens quando vos tenham ofendido, vosso Pai celestial também não vos perdoará os pecados.
(S. MATEUS, cap. VI, vv. 14 e 15.)

3. Se contra vós pecou vosso irmão, ide fazer-lhe sentir a falta em particular, a sós com ele; se vos atender, tereis ganho o vosso irmão. — Então, aproximando-se dele, disse-lhe Pedro: “Senhor, quantas vezes perdoarei a meu irmão, quando houver pecado contra mim? Até sete vezes?” — Respondeu-lhe Jesus: “Não vos digo que perdoeis até sete vezes, mas até setenta vezes sete vezes.”
(S. MATEUS, cap. XVIII, vv. 15, 21 e 22).

4. A misericórdia é o complemento da brandura, porquanto aquele que não for misericordioso não poderá ser brando e pacífico. Ela consiste no esquecimento e no perdão das ofensas. O ódio e o rancor denotam alma sem elevação, nem grandeza. O esquecimento das ofensas é próprio da alma elevada, que paira acima dos golpes que lhe possam desferir. Uma é sempre ansiosa, de sombria suscetibilidade e cheia de fel; a outra é calma, toda mansidão e caridade.

Ai daquele que diz: nunca perdoarei. Esse, se não for condenado pelos homens, sê-lo-á por Deus. Com que direito reclamaria ele o perdão de suas próprias faltas, se não perdoa as dos outros? Jesus nos ensina que a misericórdia não deve ter limites, quando diz que cada um perdoe ao seu irmão, não sete vezes, mas setenta vezes sete vezes.

Há, porém, duas maneiras bem diferentes de perdoar: uma, grande, nobre, verdadeiramente generosa, sem pensamento oculto, que evita, com delicadeza, ferir o amor-próprio e a suscetibilidade do adversário, ainda quando este último nenhuma justificativa possa ter; a segunda é a em que o ofendido, ou aquele que tal se julga, impõe ao outro, condições humilhantes e lhe faz sentir o peso de um perdão que irrita, em vez de acalmar; se estende a mão ao ofensor, não o faz com benevolência, mas com ostentação, a fim de poder dizer a toda gente: vede como sou generoso! Nessas circunstâncias, é impossível uma reconciliação sincera de parte a parte. Não, não há aí generosidade; há apenas uma forma de satisfazer ao orgulho. Em toda contenda, aquele que se mostra mais conciliador, que demonstra mais desinteresse, caridade e verdadeira grandeza dalma granjeará sempre a simpatia das pessoas imparciais.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO X)

Crônicas e Artigos

Nº 445 – 20/12/2015

O Consolador – (Marcos Paulo de Oliveira Santos)

O perdão

I. Perdoai, para que Deus vos perdoe

Faz-se mister penetrarmos os arcanos das palavras do insigne Mestre. Vejamos:

Bem-aventurados os que são misericordiosos, porque obterão misericórdia.
(Mateus, 5:7.)

Se perdoardes aos homens as faltas que cometerem contra vós, também vosso Pai celestial vos perdoará os pecados; mas, se não perdoardes aos homens quando vos tenham ofendido, vosso Pai celestial também não vos perdoará os pecados.
(Mateus, 6:14 e 15.)

Se contra vós pecou vosso irmão, ide fazer-lhe sentir a falta em particular, a sós com ele; se vos atender, tereis ganho o vosso irmão. Então, aproximando-se dele, disse-lhe Pedro: “Senhor, quantas vezes perdoarei a meu irmão, quando houver pecado contra mim? Até sete vezes?” — Respondeu-lhe Jesus: “Não vos digo que perdoeis até sete vezes, mas até setenta vezes sete vezes”.
(Mateus, 18:15, 21 e 22.)

Os trechos supracitados carregam acentuados valores ético-morais para a nossa felicidade plena. O primeiro texto, exarado em Mateus, 5:7, o Mestre estabelece como condição sine qua non a misericórdia, que se consubstancia em relevar as ofensas; ser bondoso. E faz o adendo, ao agirmos desta maneira, receberemos igualmente a misericórdia, porque ainda somos muito imperfeitos e careceremos dela em algum momento existencial.

No segundo trecho, exposto em (Mateus, 6:14 e 15), encontramos a noção de proporcionalidade. Assim, conforme julgamos e agimos contra os outros, seremos julgados e receberemos uma reação. Ou seja, se perdoamos, se respeitamos, se amamos, certamente, receberemos essas virtudes no mesmo diapasão. Quando se diz que o “Pai” não perdoará aquele que não tiver perdoado, trata-se de um recurso pedagógico para que o próprio sujeito tenha paz no coração e leveza de Espírito. Uma vez que seria um absurdo acreditar que o Criador não perdoaria a falta dos filhos.

É a consciência da culpa que não nos deixa em paz e, por este motivo, temos a necessidade do arrependimento e do reparo da falta cometida.

Por fim, o ato de perdoar deve ser infinito (setenta vezes sete vezes). Ora, se vivemos num mundo de “provas e expiações” e, por conseguinte, se cometemos falhas, não faz sentido não perdoarmos, visto que precisaremos também do perdão alheio em algum momento da trajetória evolutiva.

É por isso que este capítulo faz da tolerância e do perdão os nortes para uma vida feliz.

O perdão deve ser encarado como uma prática ou um exercício de vida. Allan Kardec estabelece dois tipos de perdão. Vejamos:

“Há, porém, duas maneiras bem diferentes de perdoar: uma, grande, nobre, verdadeiramente generosa, sem pensamento oculto, que evita, com delicadeza, ferir o amor-próprio e a suscetibilidade do adversário, ainda quando este último nenhuma justificativa possa ter; a segunda é a em que o ofendido, ou aquele que tal se julga, impõe ao outro, condições humilhantes e lhe faz sentir o peso de um perdão que irrita, em vez de acalmar; se estende a mão ao ofensor, não o faz com benevolência, mas com ostentação, a fim de poder dizer a toda gente:

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO X)

vede como sou generoso! Nessas circunstâncias, é impossível uma reconciliação sincera de parte a parte. Não, não há aí generosidade; há apenas uma forma de satisfazer ao orgulho. Em toda contenda, aquele que se mostra mais conciliador, que demonstra mais desinteresse, caridade e verdadeira grandeza da alma granjeará sempre a simpatia das pessoas imparciais”.
(KARDEC, 2013, p. 142.)

Muitos asseveram que não conseguem perdoar, porque o confundem com o esquecimento. É importante destacar que este ato nobre nada tem a ver com o esquecimento. Pois esquecer é um ato da memória. E os fatos sociais, que nos imprimem qualquer sentimento positivo ou negativo, são capazes de ficar em nossos arquivos mentais. Esquecer, portanto, é um problema de memória.

O diferencial está em não guardar mágoa; rancor; lixo na alma!!!

Perdoar significa compreender que cada um tem um estágio evolutivo; uma percepção da vida; uma idiossincrasia e, portanto, é da condição humana estar suscetível a erros.

O perdão diz respeito à alteridade. Tentar se colocar no lugar do semelhante e entender suas ações. Perdoar é, antes de qualquer coisa, exercitar o amor.

Referência:

KARDEC Allan, O Evangelho segundo o Espiritismo: com explicações das máximas morais do Cristo em concordância com o Espiritismo e suas aplicações às diversas circunstâncias da vida.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO X)

Crônicas e Artigos

Nº 294 – 13/01/2015

O Consolador – (Luis Roberto Scholl)

I. Perdoai, para que Deus vos perdoe

Culpa, perdão e autoperdão

A excelência do sentimento do perdão saiu das hostes da religião e adentrou nos conceitos terapêuticos da psicologia e da medicina. Ninguém mais tem dúvidas de que a sanidade mental e o equilíbrio emocional têm raízes profundas no indivíduo que consegue exercer e receber o perdão.

Desta forma, somos chamados diariamente a praticar o perdão no lar, no trabalho, no convívio social, nas pequenas coisas do cotidiano para que, quando necessário, possamos utilizá-lo nas grandes mágoas. É como o treinamento de um atleta de alta performance: muito exercício para atingir as grandes vitórias.

O prefixo PER significa ao todo, total; DOAR, dar. Doar, totalmente, esforço para amar um pouco mais. Se alguém pisar no seu pé, sem querer, é relativamente fácil perdoar, mas se pisar no pé que está com a unha inflamada, cuja dor é muito superior, precisará de um esforço maior ainda.

Às vezes o perdão é quase instantâneo, também pode demorar algumas horas, dias, meses, anos, séculos, algumas reencarnações. Mas se entender que o perdão é inevitável à conquista da paz, da felicidade, peça fundamental na evolução do ser, e que sem o perdão sempre haverá pendências que mais cedo ou mais tarde deverão ser sanadas, o indivíduo, racionalmente, empreenderá todos os esforços para atingir este intento.

No capítulo 10 de O Evangelho segundo o Espiritismo (Bem-aventurados os misericordiosos), o apóstolo Paulo afirma:
Perdoar os inimigos é pedir perdão para si mesmo. Perdoar aos amigos é dar-lhes prova de amizade. Perdoar as ofensas é mostrar que se tornou melhor do que antes. Perdoai, portanto, meus amigos, a fim de que Deus vos perdoe.

Quando estamos perdoando o outro, estamos também exercendo o autoperdão; um é consequência do outro, porque somos com o outro como somos conosco mesmo.

Allan Kardec indica, no livro **O Céu e o Inferno ou a Justiça Divina segundo o Espiritismo**, a psicoterapia do perdão e autoperdão: **arrependimento** (dar-se conta que errou), **expição** (desconforto e sofrimento moral pelo equívoco) e **reparação** (o ato final, a corrigenda do erro). O verdadeiro perdão sempre envolve atividades reparadoras.

Mágoas, culpas e ressentimento servem como alerta, um despertador avisando que alguma coisa na nossa conduta está equivocada. Quando não trabalhados com a tolerância e o perdão, trazem como consequências transtornos psiquiátricos ou doenças físicas.

Emmanuel, na obra **Pronto Socorro**, nos diz que o remorso é um lampejo de Deus sobre o complexo de culpa que se expressa por enfermidade da consciência.

Como você se vê no futuro? Como afirmou Pierre Dac, líder francês da resistência nazista da Segunda Grande Guerra Mundial, o futuro é o passado em preparação.

Que passado queremos ter daqui a 20, 30 anos ou na dimensão espiritual ou nas próximas reencarnações?

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO X)

Vale a pena investir no perdão consigo mesmo e com o outro para que o remorso e o arrependimento não sejam nossos companheiros no futuro.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO X)

2. Reconciliação com os adversários

5. Reconciliai-vos o mais depressa possível com o vosso adversário, enquanto estais com ele a caminho, para que ele não vos entregue ao juiz, o juiz não vos entregue ao ministro da justiça e não sejais metido em prisão. — Digo-vos, em verdade, que daí não saireis, enquanto não houverdes pago o último ceitil.

(S. MATEUS, cap. V, vv. 25 e 26.)

6. Na prática do perdão, como, em geral, na do bem, não há somente um efeito moral: há também um efeito material. A morte, como sabemos, não nos livra dos nossos inimigos; os Espíritos vingativos perseguem, muitas vezes, com seu ódio, no além-túmulo, aqueles contra os quais guardam rancor; donde decorre a falsidade do provérbio que diz: “Morto o animal, morto o veneno”, quando aplicado ao homem. O Espírito mau espera que o outro, a quem ele quer mal, esteja preso ao seu corpo e, assim, menos livre, para mais facilmente o atormentar, ferir nos seus interesses, ou nas suas mais caras afeições. Nesse fato reside a causa da maioria dos casos de obsessão, sobretudo dos que apresentam certa gravidade, quais os de subjugação e possessão. O obsidiado e o possesso são, pois, quase sempre vítimas de uma vingança, cujo motivo se encontra em existência anterior, e à qual o que a sofre deu lugar pelo seu proceder. Deus o permite, para os punir do mal que a seu turno praticaram, ou, se tal não ocorreu, por haverem faltado com a indulgência e a caridade, não perdoando. Importa, conseqüentemente, do ponto de vista da tranquilidade futura, que cada um repare, quanto antes, os agravos que haja causado ao seu próximo, que perdoe aos seus inimigos, a fim de que, antes que a morte lhe chegue, esteja apagado qualquer motivo de dissensão, toda causa fundada de ulterior animosidade. Por essa forma, de um inimigo encarniado neste mundo se pode fazer um amigo no outro; pelo menos, o que assim procede põe de seu lado o bom direito e Deus não consente que aquele que perdoou sofra qualquer vingança. Quando Jesus recomenda que nos reconciliemos o mais cedo possível com o nosso adversário, não é somente objetivando apaziguar as discórdias no curso da nossa atual existência; é, principalmente, para que elas se não perpetuem nas existências futuras. Não saireis de lá, da prisão, enquanto não houverdes pago até o último centavo, isto é, enquanto não houverdes satisfeito completamente a justiça de Deus.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO X)

Crônicas e Artigos

Nº 206 – 24/04/2011

O Consolador – (Christina Nunes)

II. Reconciliação com os adversários

O perdão cômodo e mentiroso

“Primeiro reconcilia-te com o teu inimigo, para depois depositares a oferenda no meu altar.”

Meu saudoso avô passou anos trancafiado num colégio interno de padres. Saiu de lá espírita – um fenômeno! Tenho este querido avô como um grande exemplo de livre-pensador, um homem de fibra valorosa, que em mais de uma situação na vida deu as costas a cobranças alheias sem se arredar dos seus objetivos mais caros e indubitavelmente válidos!

Mas quanto a este episódio em particular, certamente é fácil alcançar as suas determinantes. São as mesmas, sem nenhuma dúvida, que me levam hoje também a rejeitar energeticamente determinados conceitos caducos quanto utópicos relacionados aos dogmas do catolicismo.

Em algum lugar escutei o absurdo – e a partir de então, com o decorrer do tempo, pude observar os efeitos lastimáveis da assimilação de uma tal distorção de valores na conduta de muita gente tida como de bem e esclarecida espiritualmente: “Perdão, só se pede a Deus! Só ele nos perdoa os pecados!” Com o horrível post scriptum de se alegar que não se faz necessário pedir desculpas a ninguém por algum erro cometido, porque isto implicaria em humilhação perante os outros.

Ora muito cômodo, de uma perspectiva individual – tanto quanto desastroso do ponto de vista evolutivo!

É em razão de conceitos como este, que em nada auxiliam o ser humano na sua melhoria íntima com vistas à pacificação e harmonização maior entre os homens em meio ao atual pandemônio que grassa de um extremo ao outro do mundo, que podemos presenciar as contradições, os paradoxos: conheço gente que, sem falta, sagrado, em todos os fins de semana, se enclausura nas igrejas pontualmente para as missas dominicais. Todavia, uma hora antes ou depois apronta – e apronta feio! - com o semelhante! E nada de se enfiar a carapuça para o devido pedido de desculpas, na necessária demonstração de humildade perante o próximo e diante das próprias falhas e necessidades de aprimoramento interior!

Vamos convir que mais se parece esta alegação de que “só se deve pedir perdão a Deus” com um conveniente álibi, passível de nos sustentar no nosso orgulho empedernido e permanência nos enganos – assim como a criança mal-educada que se vê autorizada a aprontar o que bem entende com os outros porque, ao menor sinal das consequências adversas ao seu comportamento, logo acorrem mães e pais despreparados para passar-lhes as mãos na cabeça, endossando o injustificável desacerto de conduta!

Apanágio, pois, ao recrudescimento da irresponsabilidade humana para com os rumos da própria vida e dos destinos do mundo, em si! Pois se todos passam a pensar desta mesma forma, onde vamos parar?! Todos decidem que são autorizados a praticar o que der na telha, lesando ou prejudicando o semelhante com maiores ou menores implicações.

E tudo que se tem a fazer depois é meter-se numa igreja e confessar-se a um padre – diga-se de passagem, humano como nós, está comprovado! - ou ajoelhar-se diante de um altar num ritual vazio de significados, pois que, destituído da capacidade de promover transformações para melhor, genuínas e definitivas, no caráter, para que tudo o mais esteja esquecido, superado! Então, o referido “pecador” sai dali purificado, limpo, quitado com a consciência, com Deus e com o seu próximo – e passadas apenas duas horas, em muitas vezes, lá está o suposto redimido maltratando esposa ou filhos, ou lidando com outras pessoas sob o domínio das mesmas paixões

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO X)

desastrosas do ódio, do egoísmo e da impulsividade, presentes antes de dirigir-se pela manhã à igreja para rezar a mesma oratória mecânica e destituída de autenticidade de sentimentos e de intenções, e no mais das vezes se preocupando, ainda no decurso do ritual religioso, com o que haverá de assistir à tarde na programação televisiva.

Cômodo. Imaturo – Infantil! Indigno de uma humanidade com pretensões a Novas Eras de paz e de renovação para um futuro onde todos – dizem! – haveriam de se estimar e de se respeitar mutuamente, sem mais fazer ao próximo o que não querem para si mesmos!

Mas foi o próprio Jesus Cristo quem nos deixou estas máximas, cujo significado é límpido, evidente: Deus não quer oferendas! Que primeiro se reconcilie com seus inimigos, para depois depositar a oferenda em meu altar!

O que acontece é que, reconciliar-se com o inimigo não implica naquela leitura também cômoda de se perdoar o que porventura nos tenham feito, ainda desta feita nos colocando como os mártires e pobres coitadinhos vitimizados pela humanidade vil – da nossa ótica! Reconciliar-se significa também, e é bem provável que muito mais, pedir perdão ao próximo pelos nossos muitos e eventuais erros de julgamento e de conduta, que não raro atingem os demais em cheio, prejudicando-lhes os percursos de vida, mesmo que não intencionalmente! Implica em se pôr o orgulho e a despótica vaidade de lado a fim de se ver com clareza e compreender de forma definitiva: não existe harmonização possível entre os homens de quaisquer latitudes geográficas sem a devida quota de consciência e humildade na hora de se admitir nossas imperfeições e dívidas para com os que nos rodeiam, corrigindo-as e sanando-as da melhor forma – e sendo estes que nos rodeiam, desde os nossos familiares mais próximos até os colegas do setor profissional, desde o mendigo com quem cruzamos na rua em estado absoluto e gélido de indiferença para com as suas rudes necessidades até o animal que maltratamos ou flagelamos de dentro da cegueira de conveniências materiais e econômicas!

Portanto, chega a humanidade a um ponto lastimável no qual, sem nenhuma dúvida, deve um milhão de pedidos de desculpas, desde a um sem-número de seres que nos acompanharam nas vidas sucessivas infindas e a quem prejudicamos sem o imprescindível reconhecimento e iniciativa de reconciliação, até ao planeta como um todo, depredado pela nossa incúria, e soberba, originada neste raciocínio autodestrutivo de que tudo, desde indivíduos quanto tudo o mais na Criação, nos está disponível para maltratarmos e explorarmos desrespeitosamente o tanto quanto quisermos – pois que basta um pedido de desculpas a um Deus indistinto e mal compreendido para que tudo esteja consumado. E continuaremos indefinidamente na nossa obra nefanda de desamor para com a vida em nós mesmos e em todas as suas manifestações!

E recordar-se de que foi justo este mesmo Jesus, alegado por tais doutrinas horrendamente distorcidas, quem – do alto do martírio máximo do Calvário e ademais inocente, sem dever a ninguém nenhum ceitil – proferiu para seus algozes o petítório que até hoje os legionários e fariseus da era contemporânea, de dentro da sua cegueira orgulhosa quanto obtusa, ainda não conseguem expressar para a reconciliação final com o mundo e conseqüente harmonização amorosa entre todos os seres:

Pai, perdoai-os, pois que não sabem o que fazem!

Só esta mesma recordação, e diante do panorama mundial atual, mais de dois mil anos depois, é de molde a levar-nos a corar e a definhar de avexamento de nós mesmos e da nossa renitente delinquência espiritual!

Fica a reflexão.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO X)

Editorial

Nº 169 – 01/08/2010

O Consolador

II. Reconciliação com os adversários

O perdão faz bem à saúde

É conhecida a advertência evangélica a respeito do perdão. Ensinou-nos Jesus que constitui medida salutar a busca de nossos adversários e a reconciliação com eles, antes de oferecermos a Deus nossas oferendas e preces.

A doutrina ensinada pelos Espíritos superiores inclui o perdão das ofensas, a indulgência para com as imperfeições alheias e a benevolência para com todos entre as virtudes que formam o conceito de caridade tal como a entendia Jesus.

Como a caridade é, conforme a Doutrina Espírita, o caminho único da salvação – pois não existe outra maneira de se interpretar a máxima Fora da caridade não há salvação, adotada por Kardec –, o perdão faz bem em qualquer circunstância, sobretudo aos que o concedem.

Os espiritistas, todas as vezes que examinavam essa questão, jamais pensaram em benefícios materiais.

O bem resultante do perdão foi considerado sempre uma recompensa para o Espírito eterno, ainda que não significasse vantagem alguma em termos puramente materiais.

Usemos um exemplo colhido à vida.

Uma pessoa é espoliada por alguém, sofrendo por isso um enorme prejuízo. Ao perdoar ao seu algoz, ela não obtém, com esse gesto, nenhuma compensação material ou financeira, uma vez que seus benefícios serão tão-somente de ordem espiritual.

Esse era o pensamento dominante quando se falava no valor do perdão, até que um fato novo veio mostrar que o efeito de perdoar aos que nos prejudicam ou ofendem vai além de uma simples satisfação interior que enobrece a alma capaz desse gesto.

A novidade veio-nos de Michigan (Estados Unidos), onde pesquisadores do Hope College, situado na mencionada cidade, garantem que perdoar as ofensas é uma forma de manter a saúde e pode ser até mesmo crucial para a sobrevivência da espécie.

Comparando-se os batimentos cardíacos, a taxa de suor e outras reações de pessoas expostas ao sofrimento ou à raiva que conseguiram ou não perdoar, foi que os pesquisadores americanos concluíram que perdoar faz bem ao corpo e não somente à alma, algo que Jesus, com toda a certeza, sabia.

Fosse de outro modo, o Mestre não teria insistido tanto no assunto, que houve por bem incluir até mesmo no modelo de prece que passou à posteridade com o nome de Oração Dominical.

É fácil, pois, compreender esta singela lição que Joanna de Ângelis inseriu no cap. 23 de seu livro Episódios Diários, psicografado por Divaldo Franco:

“Só os homens de pequeno porte moral se desforçam, tombando em fosso mais profundo do que aquele em que se encontra o seu perseguidor.

Se desculpas o acusador, és melhor do que ele.

Se perdoas ao inimigo, te encontras em mais feliz situação do que a dele.

Se ajudas a quem te fere, seja por qual motivo for, lograste ser um homem de bem, um verdadeiro cristão.

Desforço, jamais!

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO X)

3. O sacrifício mais agradável a Deus

7. Se, portanto, quando fordes depor vossa oferenda no altar, vos lembrardes de que o vosso irmão tem qualquer coisa contra vós, — deixai a vossa dádiva junto ao altar e ide, antes, reconciliar-vos com o vosso irmão; depois, então, voltai a oferecê-la.

(S. MATEUS, cap. V, vv. 23 e 24.)

8. Quando diz: “Ide reconciliar-vos com o vosso irmão, antes de depordes a vossa oferenda no altar”, Jesus ensina que o sacrifício mais agradável ao Senhor é o que o homem faça do seu próprio ressentimento; que, antes de se apresentar para ser por ele perdoado, precisa o homem haver perdoado e reparado o agravo que tenha feito a algum de seus irmãos. Só então a sua oferenda será bem, aceita, porque virá de um coração expungido de todo e qualquer pensamento mau. Ele materializou o preceito, porque os judeus ofereciam sacrifícios materiais; cumpria--lhe conformar suas palavras aos usos ainda em voga. O cristão não oferece dons materiais, pois que espiritualizou o sacrifício. Com isso, porém, o preceito ainda mais força ganha. Ele oferece sua alma a Deus e essa alma tem de ser purificada. Entrando no templo do Senhor, deve ele deixar fora todo sentimento de ódio e de animosidade, todo mau pensamento contra seu irmão. Só então os anjos levarão sua prece aos pés do Eterno. Eis aí o que ensina Jesus por estas palavras: “Deixai a vossa oferenda junto do altar e ide primeiro reconciliar-vos com o vosso irmão, se quiserdes ser agradável ao Senhor.”

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO X)

Crônicas e Artigos

Nº 41 – 03/02/2008

O Consolador – (Eugênia Pickina)

III. O sacrifício mais agradável a Deus

Retenção de ressentimento – um bloqueio para o amor

Sabemos que as lembranças não são iguais. Enquanto algumas são vagas recordações de eventos, outras nos prendem no passado. Quando ficamos ressentidos com alguém, as tintas escuras e densas do fato infeliz nos mantêm algemados ao passado e impedidos de ancorar no presente. Por isso, perdoar é imprescindível para o nosso existir harmonioso no aqui e agora.

Infelizmente, esse bom hábito é pouco ou mal praticado, pois na maioria das vezes o perdão se constitui de um pedido oco de desculpas e, no geral, carregamos por aí um fardo inútil de culpa (ou remorso) por equívocos que ocultamos e ressentimentos pelas feridas que nos causaram.

A analista junguiana Clarissa Pinkola-Estes (1) traz em um dos seus livros um eficaz itinerário para o perdão que é constituído por ações que devem ser realizadas em quatro passos:

- “1) renuncie – deixe de lado;
- 2) contenha-se – abstenha-se de punir;
- 3) esqueça – afaste da lembrança, recuse-se a insistir; e
- 4) perdoe – abandone a dívida.”

Sem dúvida, esse é um dos roteiros mais eficazes para ajudar as pessoas a se desligar do passado, à medida que possibilita o perdão ao ofensor e, ainda, o autoperdão.

Em vários momentos de suas lições, o Cristo reforçou o perdão como requisito prioritário para uma conduta harmonizada no bem, pois somente ele é capaz de livrar o ofendido do embaraço da ofensa sofrida. Além disso, “o sacrifício mais agradável a Deus é” (o dos próprios ressentimentos), segundo a narrativa do seu Evangelho.” (2)

Do aviso reiterado de Jesus sobre o significado profundo do perdão é possível extrair a síntese seguinte: enquanto perdoar é sinal de inteligência, própria a uma individualidade madura, não perdoar (e retaliar) resulta ainda de uma individualidade guiada pela inconsciência, própria de egos infantilizados, que têm medo do amor. Por isso, sensibiliza tanto a Primeira Epístola de Paulo quando ele conta que o contrário do amor não é o ódio, mas sim o medo. O medo de amar.

Jean-Yves Leloup afirma:

“Podemos perdoar alguém com a nossa cabeça e também com o nosso coração, mas quando estamos na presença da pessoa que nos fez mal, nosso corpo sente uma espécie de repulsa. Existem em nós tantas memórias que provocam esta reação!

E a libertação do medo não é somente uma coisa psíquica ou intelectual. É também algo físico. Quando nos aproximamos desta ou daquela pessoa, sentimos que o nosso corpo fica calmo, quando antes havia uma tensão, uma contração. Este é um sinal de que alguma coisa se limpou em nossa memória e que nós fomos libertados de um peso de memória que entranhava o nosso corpo”. (3)

No lugar de condenar e conservar o ressentimento, é mais inteligente para qualquer pessoa perdoar para libertar e libertar-se e, desse modo, mais segura de si mesma poderá se desbloquear para crescer em bondade e amor, pois harmonizada com o princípio cristão da reconciliação.

Bibliografia:

- (1) **PINKOLA-ESTES**, Clarissa. Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem. Nova York: (p. 370.)
- (2) **Kardec** Allan, O Evangelho segundo o Espiritismo. (Capítulo X, item 7.)
- (3) **Leloup** Jean-Yves., Caminhos da realização: dos medos do eu ao mergulho no ser. (p. 61.)

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO X)

Crônicas e Artigos

Nº 308 – 21/04/2013

O Consolador – (F. Altamir da Cunha)

III. O sacrifício mais agradável a Deus

Considerações sobre a adoração

Em O Livro dos Espíritos, lemos que a verdadeira adoração é a do coração, e que em todas as nossas ações, imaginemos sempre que o Senhor está conosco. (1)
Numa conceituação simples, podemos dizer que a adoração consiste na elevação do pensamento a Deus; é, em síntese, um modo de expressar amor, admiração ou gratidão pela divindade, e pode ser realizada de forma exterior ou íntima, pois o importante é a sinceridade de propósito, para que não se transforme numa farsa ou vã simulação.

Mesmo, sabedores de que a verdadeira adoração poderia dispensar manifestações materiais, não podemos olvidar que a adoração exterior tem a sua importância e também é respeitável, conforme falou Emmanuel: “Realmente, toda movimentação nesse sentido é respeitável, ainda mesmo quando cometemos o erro comum de esquecer os famintos da estrada, em favor das suntuosidades do culto, porque o amor e a gratidão ao Poder Celeste, mesmo quando mal conduzidos, merecem veneração”. (2)

No entanto, a adoração pode ser feita cotidianamente, pedindo, agradecendo ou louvando a Deus, de forma simples e prática – evitando o mal e fazendo o bem; porque evitar o mal e fazer o bem é a maior prova de respeito e amor a Deus, bem como, a melhor forma de unir a Ele nosso coração.

Por isso, antes de tentarmos sintonizar nossa mente ao Pai, através da adoração ou prece (que também é uma forma de adoração), precisamos munir o coração de bons sentimentos, como ensinou Jesus: “Portanto, se estiveres apresentando a tua oferta no altar, e aí te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa ali diante do altar a tua oferta, e vai conciliar-te primeiro com teu irmão, e depois vem apresentar a tua oferta”. (3)

Com estas palavras, Jesus nos ensinou que sendo Deus a fonte perene de amor, não poderemos com Ele nos comunicar se temos o coração envenenado por ressentimentos ou contrariedades.

Os altares e os templos de pedra são recursos materiais que alguns indivíduos necessitam para facilitar a concentração. Mas, dia virá em que aprenderão a adorar em espírito e verdade e, então, dispensarão os condicionamentos materiais, e assim aprenderão a erigir o verdadeiro altar na intimidade do coração, para consagrá-lo ao divino Pai.

A benfeitora Joanna de Ângelis, através da mediunidade de Divaldo Pereira Franco, advertiu:

“A maneira mais agradável de adorar a Deus é elevar o pensamento a Ele, através do culto ao bem e do amor ao próximo. Desce à dor e ergue o combalido à saúde íntima; mergulha no paul e levanta ao planalto os que ali encontrares; curva-te para socorrer, no entanto, ascende no rumo de Deus pelo pensamento ligado ao seu amor e vencerás os óbices”. (4)

Ainda que para nós a mais comum seja a adoração passiva, a benfeitora espiritual nos convida à adoração dinâmica, através da qual concretizamos o nosso amor a Deus em obras de amor ao próximo.

O benfeitor Emmanuel disse que devemos apresentar ao Senhor as nossas oferendas e sacrifícios em quotas abençoadas de amor ao próximo, adorando-o, através do altar do coração, e prosseguindo no trabalho que nos cabe realizar. (5)

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO X)

Eis por que Jesus falou sobre a necessidade de reconciliação antes da oferta ou adoração: a reconciliação sincera é um ato de amor; é, usando as palavras da benfeitora, “mergulhar no paul” do ressentimento e “levantar ao planalto” do entendimento através do perdão, e dessa forma validarmos a nossa oferta ou adoração a Deus.

Em O Livro dos Espíritos encontramos:

654 – Deus dá preferência aos que O adoram desse ou daquele modo?

– Deus prefere os que O adoram verdadeiramente com o coração, com sinceridade, fazendo o bem e evitando o mal, àqueles que acreditam honrá-lo por cerimônias que não os tornam melhores para com seus semelhantes.

Os rituais e as fórmulas tidos em algumas religiões como poderosos, apenas impressionam as mentes destituídas de conhecimento sobre a verdadeira natureza de Deus. Justamente por essa ignorância a respeito de Deus foi que Jesus, no diálogo com a Samaritana junto ao poço de Jacó, advertiu-a: “Vós adorais o que não conheceis; nós adoramos o que conhecemos; porque a salvação vem dos judeus. Mas a hora vem, e agora é, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade; porque o Pai procura a tais que assim o adorem. Deus é Espírito, e é necessário que os que o adoram o adorem em espírito e em verdade”. (6)

Por ter o pleno conhecimento a respeito de Deus, Jesus não o limitou à condição humana, o que era muito comum até então (lembramos o relato bíblico que afirma que as ofertas de Abel agradaram a Deus mais do que as de Caim); apresentou-o como Espírito e, como tal, deveria ser adorado – em espírito e verdade.

Referências:

- (1) **Kardec** Allan, O Livro dos Espíritos, (questão 653.)
- (2) **Xavier** Chico, Fonte Viva, (cap. 93.)
- (3) (**Mateus**, 5: 23, 24.)
- (4) **Ângelis** Joana de, Leis Morais da Vida, (pg.17.)
- (5) **Emmanuel**, Fonte Viva, (psicografia Chico Xavier), (cap. 93.)
- (6) (**João**, 4:22-24.)

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO X)

4. O argueiro e a trave no olho

9. Como é que vedes um argueiro no olho do vosso irmão, quando não vedes uma trave no vosso olho? — Ou, como é que dizeis ao vosso irmão: Deixa-me tirar um argueiro ao teu olho, vós que tendes no vosso uma trave? — Hipócritas, tirai primeiro a trave ao vosso olho e depois, então, vede como podereis tirar o argueiro do olho do vosso irmão.

(S. MATEUS, cap. VII, vv. 3 a 5.)

10. Uma das insensatezes da Humanidade consiste em vermos o mal de outrem, antes de vermos o mal que está em nós. Para julgar-se a si mesmo, fora preciso que o homem pudesse ver seu interior num espelho, pudesse, de certo modo, transportar-se para fora de si próprio, considerar-se como outra pessoa e perguntar: Que pensaria eu, se visse alguém fazer o que faço? Incontestavelmente, é o orgulho que induz o homem a dissimular, para si mesmo, os seus defeitos, tanto morais, quanto físicos. Semelhante insensatez é essencialmente contrária à caridade, porquanto a verdadeira caridade é modesta, simples e indulgente. Caridade orgulhosa é um contrassenso, visto que esses dois sentimentos se neutralizam um ao outro. Com efeito, como poderá um homem, bastante presunçoso para acreditar na importância da sua personalidade e na supremacia das suas qualidades, possuir ao mesmo tempo abnegação bastante para fazer ressaltar em outrem o bem que o eclipsaria, em vez do mal que o exalçaria? Por isso mesmo, porque é o pai de muitos vícios, o orgulho é também a negação de muitas virtudes. Ele se encontra na base e como móvel de quase todas as ações humanas. Essa a razão por que Jesus se empenhou tanto em combatê-lo, como principal obstáculo ao progresso.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO X)

Crônicas e Artigos

Nº 376 – 17/08/2014

O Consolador – (Marcelo Teixeira)

IV. O arqueiro e a trave no olho

Minha descoberta com o arqueiro e a trave no olho

Jesus Cristo foi mesmo um Mestre. Mestre do amor, Mestre do desprendimento, Mestre da caridade, Mestre do perdão... E também Mestre da sabedoria. Seus ensinamentos precisam e merecem ser estudados à exaustão, porque deles tiramos sempre uma interpretação diferente à medida que os anos se passam e vamos aprofundando o estudo.

Foi assim comigo certa vez numa palestra na qual utilizei a passagem evangélica sobre o arqueiro e a trave no olho:

“Por que vedes um arqueiro no olho do vosso irmão, vós que não vedes uma trave no vosso olho? Ou como dizeis ao vosso irmão: Deixai-me tirar um arqueiro do vosso olho, vós que tendes uma trave no vosso? Hipócritas, tirai primeiramente a trave do vosso olho, e então vereis como podereis tirar o arqueiro do olho do vosso irmão”.

(S. Mateus, cap. VII, v. 3, 4, 5.)

Arqueiro, para quem não sabe, é cisco. Aquele cisco que cai no olho e incomoda à beça, fazendo com que pisquemos sem parar para expulsá-lo.

O ensinamento de Jesus é destinado aos que têm uma trave, ou seja, um pedaço de pau no olho, mas não percebem. Em contrapartida, enxerga o cisco, que é algo minúsculo, no olho de outra pessoa.

Sempre fiquei intrigado com tal comparação. Imaginava ser impossível enxergar um cisco no olho alheio se estou com uma trave de madeira no meu olho, algo que impede totalmente a visão.

Foi aí que percebi um interessante ângulo de interpretação desse trecho do Novo Testamento.

Eu tenho a tal da trave no meu olho; o vizinho, um cisco. Por que eu vejo o cisco no olho do outro e não vejo um pedaço de madeira preso ao meu olho? Porque uma trave faz com que eu veja tudo de forma distorcida, fora de esquadro. Tão distorcida que penso que o cisco no olho do próximo é maior que a trave que atrapalha minha visão. Ou então, simplesmente, não há cisco algum no olho do vizinho. Eu é que, na minha visão pra lá de equivocada, acho isso. Moral da história: fazemos sempre uma comparação tendo a nós mesmos como referência.

Por essa razão, não devemos julgar. Não há como comparar uma pessoa à outra. Cada um é cada um. Impossível comparar Paula com Juliana porque ninguém é padrão, medida oficial. Esse princípio básico, assimilado pelo cristão que tem ouvidos de ouvir, fará com que ele veja que ninguém é melhor ou pior do que ninguém. É como o lema da escola de samba Acadêmicos do Salgueiro, do Rio de Janeiro, RJ: “Nem melhor, nem pior. Apenas uma escola diferente”.

Temos uma visão muito maniqueísta sobre o mundo. Antes de prosseguir, convém esclarecer o significado da palavra maniqueísta. Fala, Wikipédia!

“O Maniqueísmo é uma filosofia religiosa sincrética (1) e dualística fundada e propagada por Maniqueu, profeta iraniano (216 – 276 d.C.), que divide o mundo simplesmente entre Bem, ou Deus, e Mal, ou o diabo.

(1) é a reunião de doutrinas diferentes, com a manutenção de traços perceptíveis das doutrinas originais.

A matéria é intrinsecamente má, e o espírito, intrinsecamente bom. Com a popularização do termo, maniqueísta passou a ser um adjetivo para toda doutrina fundada nos dois princípios opostos do Bem e do Mal.”

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO X)

Trata-se de uma doutrina considerada extinta, mas enxergamos tudo (olha a trave no olho aí) de forma maniqueísta muitas vezes. Achamos que o mundo é dividido entre bons e maus, feios e bonitos, pobres e ricos, os que serão salvos e os que serão condenados... Nada disso. O mundo é composto por Espíritos em evolução (todos nós) que ainda têm muito que aprender e corrigir. Quanto mais cedo percebermos isso, mais facilidade teremos para conviver com as diferenças, compreender e perdoar.

E entenderemos também que no movimento espírita ninguém é mais ou menos espírita do que ninguém.

Digo isso porque, em 27 anos de movimento espírita, já me deparei com gente se achando a última bolacha do pacote porque tem 10 tarefas no centro espírita, e se achando mais privilegiada do que a pessoa que só tem duas tarefas. Complicado isso.

Pedro tem dez tarefas: evangeliza infância, evangeliza mocidade, faz parte da reunião mediúnica, aplica passes, cuida da divulgação, faz palestra, aplica estudo sistematizado, pinta, borda, caseia, chuleia, aceita encomenda de doces e salgados, está praticamente todos os dias dentro do Centro Espírita. Uma coisa! Já João, coitado, só vai às quartas-feiras, quando aplica passes; e, aos sábados, quando ajuda no preparo do lanche para os socialmente carentes.

Daí Pedro, equivocadamente, se julga com o passaporte carimbado para Nosso Lar e acha que Pedro não terá a mesma sorte que ele. Não é por aí, gente.

Jesus Cristo é bem claro sobre o assunto quando fala sobre os trabalhadores da última hora. Nessa passagem, os que foram recrutados para trabalhar no último período receberam o mesmo dos que estavam trabalhando desde a primeira hora. A passagem chama atenção para a qualidade do trabalho, que é o que de fato vale.

Infelizmente já ouvi Julianas se queixando de que foram olhadas de cima para baixo pelas Paulas, só porque não participavam de determinada tarefa ou evento espírita. Será que para sermos espíritas temos de, obrigatoriamente, tomar parte num número “x” de tarefas? Penso que não.

A meu ver, ninguém é mais ou menos espírita devido ao número de tarefas a que se dedica. Se a pessoa pode dar conta de várias tarefas, ótimo. Mas não se julgue melhor do que os outros companheiros por isso. Aliás, como não devemos julgar, não devemos, portanto, achar que existe o espírita padrão. Cada um é espírita do que jeito que pode e como pode.

Confesso que já tive a minha fase de achar um absurdo ver determinados companheiros não aderirem a esse ou àquele trabalho na casa espírita. Como se todos tivessem a obrigação de estar em todas. Mas o tempo passa, a trave vai cedendo e passamos a ter olhos de ver.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO X)

Crônicas e Artigos

Nº 252 – 18/03/2012

O Consolador – (José Carlos Monteiro de Moura)

Espírita não condena

IV. O arqueiro e a trave no olho

1. Sempre existiu, na tradição forense, a ideia segundo a qual os espíritas são os jurados que melhor atendem aos interesses da defesa, uma vez que, de acordo com a voz corrente, “espírita não condena ninguém”. Durante mais de trinta anos de atuação na tribuna do júri, não conseguimos comprovar o acerto dessa afirmativa. Constatamos, isto sim, uma grande tendência condenatória entre os seguidores das religiões reformadas, e uma acentuada indefinição entre os católicos, que ora pendem para um lado, ora para o outro. Como constituem a grande maioria do universo religioso brasileiro, são, por conseguinte, os mais visados e os que mais sofrem as influências de toda sorte a que se acham sujeitos os jurados de um modo geral. Por isso, torna-se difícil uma conclusão mais concreta a respeito de suas tendências. O certo é que as mais absurdas decisões do Tribunal do Júri, tanto absolutórias como condenatórias, partem, na grande maioria das vezes, de conselhos de sentença dos quais não participam seguidores de outros credos religiosos, mesmo porque, principalmente em cidades de menor porte, a intolerância religiosa ainda predomina, e os que não rezam pelo credo romano sofrem as conhecidas e notórias restrições. Atualmente, com crescimento da Igreja Universal, e de outras que guardam semelhança com ela, o fenômeno vem perdendo sua força, sobretudo no que tange à aceitação pela sociedade dos chamados “crentes”. O Espiritismo, não obstante, continua sendo visto com desconfiança e temor, e o espírita, como “alguém que mexe com estas coisas”, o que lhe confere uma postura até certo ponto misteriosa e inusitada!

2. Nenhum argumento sério autoriza a existência dessa autêntica lenda, a não ser o preconceito e o radicalismo religioso. Durante algum tempo, quando ainda não conhecíamos nada de Espiritismo, aceitamos tal entendimento sem maiores indagações e sem a menor preocupação de sondar a sua veracidade. Agimos, neste caso, com a tranquilidade própria dos ignorantes. Mais tarde, já devidamente esclarecidos a seu respeito, constatamos que tudo não passava de mais um dos enormes equívocos que a maioria das pessoas alimenta quanto a ele, Espiritismo. Verificamos, por outro lado, que os jurados espíritas condenavam ou absolviam, tanto quanto os demais.

3. É de lamentar, no entanto, que essa falsa visão não se acha restrita apenas aos não-espíritas, porquanto é perfilhada por muitos que se dizem adeptos da Doutrina. Trata-se de um dos muitos problemas que a perspicácia de Allan Kardec detectou, conforme se pode ver no Capítulo XXIX, nº. 334, de O LIVRO DOS MÉDIUNS. O termo espírita carrega, no entendimento vulgar, uma série de conotações eivada de erros e de preconceitos. Abrange um universo enorme, que vai desde os integrantes do sincretismo religioso, sob as suas variadas denominações, até aos seguidores dos cultos e das seitas em que o exotismo ocupa o lugar de maior destaque, passando, ainda, pelas inúmeras veredas de quantos se definem espiritualistas. Essas formas de religiosidade, embora merecedoras de respeito, não guardam nenhuma afinidade com a Doutrina dos Espíritos e a confusão, consciente ou inconsciente, que se estabeleceu entre elas e o Espiritismo enseja raciocínios e ilações inteiramente distantes da verdade, como a de se imputar aos espíritas uma conduta de total alienação em face das questões sociais. Essa atitude, reveladora de uma cômoda e condenável omissão, os acompanharia também, quando convocados a julgar seus irmãos pelo cometimento de um ilícito penal, cujo julgamento se inscreve no rol dos que são da competência do Júri Popular.

4. O raciocínio peca, contudo, pela total ausência de razão. Ao espírita não é vedado julgar, ainda que desse encargo advenha a inevitável aplicação de uma pena. Ele, como qualquer outro cidadão, não pode fugir da responsabilidade que o Estado lhe delegou, ao convocá-lo para o serviço do júri. Seria ótimo se a sociedade moderna já não mais convivesse com a criminalidade e

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO X)

que, no lugar das penitenciárias e das cadeias, estivesse edificada uma escola. Todavia, esse grau de desenvolvimento e evolução ainda se acha muito distante de ser alcançado. A pena, por isso mesmo, no estágio atual da humanidade, permanece, teoricamente, como o instrumento mais eficaz de que a sociedade dispõe – pelo menos teoricamente – para restabelecer o equilíbrio social abalado pela ação do delinquente. A concepção de que o espírita, por uma questão de princípios, não condena ninguém não se harmoniza com o sentimento de responsabilidade que a ele cabe assumir diante de si, de Deus e da sociedade, sob pena de ser considerado, nos termos do magistério de Kardec, mais um “espírita de nome” (a respeito, **REVISTA ESPÍRITA**, novembro de 1861).

5. O que Jesus proscreeu foi o julgamento apressado, afoito, impregnado de má-fé, no qual, muitas vezes, a verdadeira intenção do julgador permanece oculta, a exemplo do que ocorreu no episódio envolvendo a mulher adúltera.

No Sermão do Monte:

(Mateus, 7: 1 e 2), Ele nos adverte quanto a essa maneira de julgar. Ela é típica do chamado juízo temerário, caracterizado pela impiedade ou ditado pelas aparências que, costumeiramente, enganam. Uma interpretação exclusivamente literal e isolada desses dois versículos poderia levar à absurda conclusão de que toda e qualquer forma de julgamento é defesa aos cristãos. Os juízes de direito seriam, pois, vítimas de uma autêntica “injustiça divina”, porquanto nenhuma esperança teriam quanto à sua vida futura, em face de sua própria atividade profissional. Não obstante, todos sabemos da sua importância dentro da sociedade, em virtude dos constantes e cada vez mais numerosos conflitos que afloram a todo instante em seu seio, e do elevado índice de criminalidade dos dias atuais.

6. O sentido da proibição se completa e se integra no contexto evangélico através dos versículos 3, 4 e 5 da mesma narrativa de Mateus: – “E por que reparas tu o argueiro que está no olho do teu irmão, e não vês a trave que está no teu olho? Ou como dirás a teu irmão: Deixa-me tirar o argueiro do teu olho, estando uma trave no teu? Hipócrita, tira primeiro a trave do teu olho, e então cuidarás de tirar o argueiro do olho do teu irmão”.

De mais a mais, durante o seu messiado, Jesus, em diversas oportunidades, estabeleceu juízos de valor, e, em consequência, julgou, contrariando, dessarte, os que sustentam a proibição absoluta do julgamento. Na sua explicação sobre a gravidade e a dimensão das ofensas feitas ao nosso irmão, foi de meridiana clareza ao não excluir do julgamento humano os autores dessas ofensas: – “Ouvistes que foi dito aos antigos: Não matarás; mas qualquer que matar será réu de juízo. Eu, porém, vos digo que qualquer que, sem motivo, se encolerizar contra seu irmão, será réu de juízo; e qualquer que disser a seu irmão: Raca, será réu do sinédrio; e qualquer que lhe disser: louco, será réu do fogo do inferno”

(Mateus, 5: 21 a 23.)

A expressão réu de juízo significa os diversos graus da Justiça Humana: a outra, réu do sinédrio, se refere à Justiça de Deus.

A primeira, contudo, não exclui a segunda, em virtude de sua inexorabilidade, traduzida pela regra imperativa de que cada um será dado de acordo com suas obras.

Ninguém, mesmo quem já foi compelido a prestar conta de suas ações ao Judiciário terreno, está isento de ser julgado e sancionado pela Justiça Divina. Isso integra o seu mecanismo operacional, que jamais dispensa a “reparação pelo dano causado”, exigindo que, na execução de suas penas, “até o último, jota e o último, ponto” sejam fielmente cumpridos.

O episódio da interpelação do Cristo acerca da licitude, ou não, do pagamento dos impostos devidos a Roma ratifica inteiramente esse entendimento, uma vez que ele fez questão de destacar a existência de duas espécies de jurisdição, a humana e a divina, mandando dar a Deus o que era de Deus e ao homem o que lhe pertencia.

7. A única conclusão razoável diante da posição evangélica quanto ao julgamento é a de que ela se reveste de caráter relativo, e não absoluto. Nem as ratificações posteriores de Paulo e

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO X)

Tiago (Romanos, 14:13 e Epístola Universal, 4:12, respectivamente). Tomada ao pé da letra importaria em um verdadeiro caos para toda a humanidade e nenhuma organização política conseguiria sobreviver à falência que provocaria.

Todo homem de bem, proficiente de qualquer religião, não deve, pois, julgar pelas aparências, movido pela simpatia ou antipatia, pelos interesses políticos, pelas rivalidades de qualquer espécie, pelas filiações religiosas, enfim, por todos os fatores que atuam na formação da opinião pública e que, na maioria das vezes, somente se prestam para conduzir ao passionalismo irracional e a injustiças inomináveis.

Qualquer julgamento, sobretudo aqueles da competência da Justiça Criminal, deve procurar sempre o amparo da verdade histórica, embora essa nem sempre se identifique com a verdade processual. Nos casos duvidosos, mal esclarecidos ou tendenciosos, a consciência jurídica, calcada na noção do justo e do injusto que cada um traz dentro de si, não autoriza uma decisão condenatória. Não se trata, porém, de apanágio exclusivo de alguma profissão religiosa, porquanto nada mais é do que a simples aplicação de um brocardo jurídico de tradição milenar. É o famoso **in dubio pro reu** do Direito Romano, ainda de uso corrente na atualidade, cuja existência é anterior ao Cristianismo e que, em face disso, não pode ser invocado para justificar a inverídica proibição de julgar e condenar imputada aos espíritas.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO X)

5. Não julgueis, para não serdes julgados. Atire a primeira pedra aquele que estiver sem pecado

11. Não julgueis, a fim de não serdes julgados; — porquanto sereis julgados conforme houverdes julgado os outros; empregar-se-á convosco a mesma medida de que voz tendes servido para com os outros.

(S. MATEUS, cap. VII, vv. 1 e 2.)

12. Então, os escribas e os fariseus lhe trouxeram uma mulher que fora surpreendida em adultério e, pondo-a de pé no meio do povo, — disseram a Jesus: “Mestre, esta mulher acaba de ser surpreendida em adultério; — ora, Moisés, pela lei, ordena que se lapidem as adúlteras. Qual sobre isso a tua opinião?” — Diziam isto para o tentarem e terem de que o acusar. Jesus, porém, abaixando-se, entrou a escrever na terra com o dedo. — Como continuassem a interrogá-lo, ele se levantou e disse: “Aquele dentre vós que estiver sem pecado, atire a primeira pedra.” — Em seguida, abaixando-se de novo, continuou a escrever no chão. — Quanto aos que o interrogavam, esses, ouvindo-o falar daquele modo, se retiraram, um após outro, afastando-se primeiro os velhos. Ficou, pois, Jesus a sós com a mulher, colocada no meio da praça.

Então, levantando-se, perguntou-lhe Jesus: “Mulher, onde estão os que te acusaram? Ninguém te condenou?” — Ela respondeu: “Não, Senhor.” Disse-lhe Jesus: “Também eu não te condenarei. Vai-te e de futuro não tornes a pecar.”

(S. JOÃO, cap. VIII, vv. 3 a 11.)

13. “Atire-lhe a primeira pedra aquele que estiver isento de pecado”, disse Jesus. Essa sentença faz da indulgência um dever para nós outros, porque ninguém há que não necessite, para si próprio, de indulgência. Ela nos ensina que não devemos julgar com mais severidade os outros, do que nos julgamos a nós mesmos, nem condenar em outrem aquilo de que nos absolvemos. Antes de profligarmos a alguém uma falta, vejamos se a mesma censura não nos pode ser feita. O reproche lançado à conduta de outrem pode obedecer a dois móveis: reprimir o mal, ou desacreditar a pessoa cujos atos se criticam. Não tem escusa nunca este último propósito, porquanto, no caso, então, só há maledicência e maldade. O primeiro pode ser louvável e constitui mesmo, em certas ocasiões, um dever, porque um bem deverá daí resultar, e porque, a não ser assim, jamais, na sociedade, se reprimiria o mal. Não cumpre, aliás, ao homem auxiliar o progresso do seu semelhante? Importa, pois, não se tome em sentido absoluto este princípio: “Não julgueis se não quiserdes ser julgado”, porquanto a letra mata e o espírito vivifica. Não é possível que Jesus haja proibido se profligue o mal, uma vez que ele próprio nos deu o exemplo, tendo-o feito, até, em termos enérgicos. O que quis significar é que a autoridade para censurar está na razão direta da autoridade moral daquele que censura. Tornar-se alguém culpado daquilo que condena noutrem é abdicar dessa autoridade, é privar-se do direito de repressão. A consciência íntima, ao demais, nega respeito e submissão voluntária àquele que, investido de um poder qualquer, viola as leis e os princípios de cuja aplicação lhe cabe o encargo. Aos olhos de Deus, uma única autoridade legítima existe: a que se apoia no exemplo que dá do bem. É o que, igualmente, ressalta das palavras de Jesus.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO X)

Crônicas e Artigos

Nº 394 – 21/12/2014

pecado

O Consolador – (Gebaldo José de Sousa)

V. Não julgueis, para não serdes julgados.

Atire a primeira pedra aquele que estiver sem

Fazei tudo o que ele vos disser

“A luz veio ao mundo, e os homens amaram mais as trevas do que a luz; porque as suas obras eram más.” João, 3-19.

O Natal convida-nos a pensar na vida extraordinária de Jesus; na Sua Doutrina de Amor. Dela, destacamos o episódio das Bodas de Caná, que nos oferece ensinamentos sublimes, que envolvem Maria, discreta, mas presente e atuante em Sua vida, com desvelos de mãe carinhosa. Um deles, no belo e maternal conselho aos serventes daquela festividade: “Fazei tudo o que ele vos disser”. (João, 2-5)

O outro, no exemplo da obediência, da submissão de Jesus àquela observação carinhosa de Maria:

“Eles não têm mais vinho”, ainda que não fosse chegada Sua hora e não Lhe coubesse responsabilidade, Ele atendeu ao apelo da mãe. Discretamente, agiu e solucionou o problema.

Essa passagem dá-nos a entender, também, que Maria estava familiarizada com aquelas transformações, que era para ela fato corriqueiro vê-Lo materializar alimentos. O que, afinal, se comprova posteriormente, na multiplicação de pães e peixes. Age com a segurança e a desenvoltura de um químico que conhece as substâncias e as combina, para atingir determinados objetivos. E o sublime conselho pode e deve ser estendido a todos nós, relativamente aos ensinamentos do Divino Mestre.

E que disse Jesus à Humanidade, há dois mil anos?

Existem as mensagens vivas dos exemplos: na manjedoura singela, o da humildade; em toda a vida, o do Amor ao próximo, curando enfermidades do corpo e da alma, ensinando as Leis de Deus; no alto da cruz, o do perdão e da submissão aos desígnios do Pai. E tantas outras!

E, em todo o Evangelho, aquelas grafadas pelos discípulos. Mensagens:

Ora de esperança:

“Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize.”; “Tende bom ânimo.”;

“Eu sou o bom pastor; conheço as minhas ovelhas, e elas me conhecem a mim – haverá um rebanho e um pastor.”; “não vos inquieteis com o dia de amanhã”; “eu não vim para julgar o mundo, e, sim, para salvá-lo.”; “No mundo passais por aflições; mas tende bom ânimo, eu venci o mundo.”

Ora de consolo:

“Bem-aventurados os que choram, pois que serão consolados.”; “Vinde a mim, todos vós que estais aflitos e sobrecarregados, que eu vos aliviarei.”

Ora de advertência:

“Como é que vedes um argueiro no olho do vosso irmão, quando não vedes uma trave no vosso olho?

Tirai primeiro a trave do vosso olho.”

“Não julgueis, a fim de não serdes julgados”; “Não julgueis segundo a aparência, e, sim, pela reta justiça.”; “Nem todos os que dizem: Senhor! Senhor! entrarão no reino dos céus; apenas entrará aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus.”; “Meus bem-amados, não creiais em qualquer Espírito; experimentai se os Espíritos são de Deus, porquanto muitos falsos profetas se têm levantado no mundo.”

Educador incomparável, em inúmeras oportunidades ensinando-nos a viver, a conhecer as Leis de Deus para que aprendamos a evoluir conscientemente, com a reta conduta moral:

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO X)

“Ninguém pode ver o reino de Deus se não nascer de novo”.

“Se me amais, guardai os meus mandamentos”

“Bem-aventurados os pobres de espírito, pois que deles é o reino dos céus; os que têm puro o coração, porquanto verão a Deus; os que são brandos, porque possuirão a Terra; os pacíficos, porque serão chamados filhos de Deus; os que são misericordiosos, porque obterão misericórdia.”

“Reconciliai-vos o mais depressa possível com o vosso adversário, enquanto todos estais a caminho”

“Não acumuleis para vós outros tesouros sobre a terra, mas ajuntai para vós outros tesouros no céu porque onde está o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração.”

“São os olhos a lâmpada do corpo. Se os vossos olhos forem bons, todo o vosso corpo será luminoso.”

“Aquele dentre vós que estiver sem pecado, atire a primeira pedra.”

“Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará.”

“Não resistais ao mal que vos queiram fazer, se alguém vos bater na face direita, lhe apresenteis também a outra; se alguém quiser pleitear contra vós, para vos tomar a túnica, também lhe entregueis o manto; se alguém vos obrigar a caminhar mil passos com ele, caminheis mais dois mil.”

“Dai àquele que vos pedir e não repilais aquele que vos queira tomar emprestado.”

“Quando derdes esmola, não saiba a vossa mão esquerda o que faz a vossa mão direita.”

“Aquele, pois, que ouve estas minhas palavras e as pratica, será comparado a um homem prudente que construiu sobre a rocha a sua casa.”

“Não são os que gozam saúde que precisam de médico.”

“Pedi e se vos dará; buscai e achareis; batei à porta e se vos abrirá”

“Restituí a saúde aos doentes, ressuscitai os mortos, curai os leprosos, expulsai os demônios. Dai gratuitamente o que gratuitamente haveis recebido.”

“Quando quiserdes orar, entrai para o vosso quarto e, fechada a porta, orai a vosso Pai em secreto. E vosso Pai, que vê o que se passa em secreto, vos dará a recompensa.”

“Não cuideis de pedir muito nas vossas preces, porque vosso Pai sabe do que é que tendes necessidade, antes que lho peçais.”

“Onde quer que se encontrem duas ou três pessoas reunidas em meu nome, eu com elas estarei.”

Culminando Seus ensinamentos, fala-nos do amor a Deus e ao próximo:

“Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu espírito, este o maior e o primeiro mandamento. E aqui tendes o segundo, semelhante a esse: Amarás o teu próximo, como a ti mesmo. – Toda a lei e os profetas se acham contidos nesses dois mandamentos”.

“Novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros; assim como eu vos amei, que também vos ameis uns aos outros. Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns aos outros.”

“Amai os vossos inimigos; fazei o bem aos que vos odeiam e orai pelos que vos perseguem e caluniam, a fim de serdes filhos do vosso Pai que está nos céus”

“Se somente amardes os que vos amam, que mérito se vos reconhecerá?”

E ensina-nos a Regra Áurea:

“Fazei aos homens tudo o que queirais que eles vos façam, pois é nisto que consistem a lei e os profetas.”

Perspicaz, e inspiradamente, afirma Kardec (1):

“Toda a moral de Jesus se resume na caridade e na humildade, isto é, nas duas virtudes contrárias ao egoísmo e ao orgulho.

Humildade e caridade, eis o que não cessa de recomendar e o de que dá, ele próprio, o exemplo. Orgulho e egoísmo, eis o que não se cansa de combater. E não se limita a recomendar a caridade; põe-na claramente e em termos explícitos como condição absoluta da felicidade futura”.

E, ao comentar a questão 625 de “O Livro dos Espíritos” (2), assinala:

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO X)

“Jesus constitui o tipo da perfeição moral a que a Humanidade pode aspirar na Terra. E a doutrina que ensinou é a expressão mais pura da lei do Senhor”.

Jesus – Mestre por excelência; sábio, tolerante e bom – veio para nos ensinar a conhecer, amar e a observar as Leis de Deus. A essência de Sua mensagem é o Amor, a compaixão. Consciente de Sua missão, de Suas responsabilidades, afirma, categoricamente:

“Eu sou o caminho, a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim”.

(João, 14-6.)

Clóvis Tavares (3) – elegante, escoreito, claro e conciso – discorre sobre o mesmo tema, em bela página, inspirada em diálogos de trabalhadores humildes, que lhe reformavam a residência.

Denominou-a “O mandamento de Maria”. Merece ser lida.

Aquela ordem de Maria aos serventes vale para nós, em todos os tempos. Será sempre atual.

É ordem. Mas é também conselho de Mãe!

Por isso, convém ser lembrada constantemente, e em especial nos períodos natalinos: “Fazei tudo o que Ele vos disser”. A ela aditaríamos, sem pretensão: em todos os dias da vida, pela eternidade!

Obedecer a Jesus. Aí está a melhor forma de honrá-Lo, de comemorar Seu aniversário natalício!

Referências bibliográficas:

1. **Kardec** Allan, O Evangelho segundo o Espiritismo. (pp. 246-247: Cap. XV, it. 3.)
2. **Kardec** Allan, O Livro dos Espíritos. (494p. p. 308;)
3. **Tavares** Clóvis, De Jesus para os que sofrem. (pp. 39-42: Cap. 6.)

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO X)

Correio Mediúnico
Nº 187 – 05/12/2010
pecado
O Consolador

V. Não julgueis, para não serdes julgados.
Atire a primeira pedra aquele que estiver sem

Reflexões

Filhos, clareando consciências alheias, defendamo-nos contra a dominação das trevas.

— «Vem e segue-me!» — diz o Senhor ao Apóstolo.
— «Levanta-te e anda!» — recomenda Jesus ao paralítico.

Para justos e injustos, ignorantes e sábios, o chamamento do Cristo é pessoal e intransferível. O Evangelho é serviço redentor, mas não haverá salvação para a Humanidade sem a salvação do Homem.

No mundo, é imperioso refletir algumas vezes na morte para que a existência não nos seja um ponto obscuro dentro da vida, porque o Espírito desce à escola terrena para educar-se, educando.

Dia a dia, milhares de criaturas tornam à Pátria Espiritual.

Esse caiu sob o fio da espada, aquele tombou ao toque de balas mortíferas. Alguns expiram no conforto doméstico, muitos partem do leito rijo dos hospitais.

Todos imploram luz, mas, se não fizeram claridade em si mesmos, prosseguem à feição de caravaneiros ocultos na sombra.

Não valem títulos do passado, nem exterioridades do presente.

Esse deixou o ouro amontoado com sacrifício.

Aquele renunciou ao consolo de afeições preciosas.

Outro abandonou o poder que lhe não pertencia.

Aquele outro, ainda, foi arrancado à ilusão.

Quantas vezes examinais conosco essas pobres consciências em desequilíbrio que a ventania da renovação vergasta no seio da tempestade moral!

É por isso que, sob a invocação do carinho e da confiança, rogamos considereis a estrada percorrida.

Convosco brilha abençoada oportunidade.

O Espiritismo é Jesus que volta ao convívio da dor humana.

Não sufoqueis a esperança na corrente das palavras. Emergi do grande mar da perturbação para o reajuste indispensável!

Não julgueis para não serdes julgados, porque seremos medidos pelo padrão que aplicarmos à alheia conduta.

Ninguém sabe que forças tenebrosas se congregaram sobre as mãos do assassino.

Ninguém conhece o conteúdo de fel da taça que envenenou o coração arremessado ao grande infortúnio.

O malfeitor de hoje pode ser o nosso benfeitor de amanhã.

Desterrai de vossos lábios toda palavra de condenação ou de crítica!

Desalojai do raciocínio e do sentimento toda névoa que possa empanar a luminosa visão do caminho!

Somos chamados ao serviço de todos e a nossa inspiração procede do Senhor, que se converteu no escravo da Humanidade inteira.

Filhos, urge o tempo.

Sem o roteiro da humildade, sem a lanterna da paciência e sem a bênção do trabalho, não alcançaremos a meta que nos propomos atingir

Quão fácil mandar, quão difícil obedecer!

Quanta simplicidade na emissão do ensinamento e quanto embaraço na disciplina aos próprios impulsos!

Jesus ajudou

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO X)

Duas grandes e inesquecíveis palavras bastam para cessar a revolta e congelar-nos qualquer ansiedade menos construtiva.

Se Jesus ajudou, por que haveremos de perturbar?

Se Jesus serviu, com que privilégio exigiremos o serviço dos outros?

Reunimo-nos hoje em velhos compromissos.

Digne-se o Senhor alertar-nos na reconstituição de nossos destinos.

Não vos pedimos senão a dádiva do entendimento fraterno, com aplicação aos princípios que esposamos, reconhecendo a insignificância de nossas próprias almas.

Somos simplesmente um amigo.

Não dispomos de credenciais que nos assegurem o direito de exigir, mas rogamos observeis os minutos que voam.

Desdobrar-se-ão os dias e a perda de nossa oportunidade diante do Cristo pode ser também para nós mais distância, mais saudade, mais aflição.

Não aspiramos para nós outros senão à felicidade de amar-vos, desejando-vos a beleza e a santidade da vida.

Aceitemos nosso trabalho e nossa lição. Quem foge ao manancial do suor, costuma encontrar o rio das lágrimas.

Aqueles que não aprendem a dar de si mesmos não recolhem a celeste herança que nos é reservada pelo Senhor.

Filhos de nossa fé, urge o tempo!

Isso equivale dizer que a cessação do ensejo talvez não tarde.

Façamos luz na senda que nos cabe percorrer.

Retiremo-nos do nevoeiro.

Olvidemos o passado e convertamos o presente em glorioso dia de preparação do futuro!

E que Jesus, em sua infinita bondade, nos aceite as súplicas, revigorando-nos o espírito no desempenho dos deveres com que fomos honrados, à frente de seu incomensurável amor.

Diversos Espíritos, Instruções Psicofônicas (psicografia Chico Xavier) (cap. 11)

A mensagem acima foi transmitida na noite de 20 de maio de 1954 pelo Espírito de frei Pedro de Alcântara, que foi contemporâneo da grande mística espanhola Teresa d'Ávila e, tanto quanto ela, é venerado na Igreja Católica.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO X)

6. Instruções dos Espíritos 1. Perdão das ofensas

14. Quantas vezes perdoarei a meu irmão? Perdoar-lhe eis, não sete vezes, mas setenta vezes sete vezes. Aí tendes um dos ensinamentos de Jesus que mais vos devem percutir a inteligência e mais alto falar ao coração. Confrontai essas palavras de misericórdia com a oração tão simples, tão resumida e tão grande em suas aspirações, que ensinou a seus discípulos, e o mesmo pensamento se vos deparará sempre. Ele, o justo por excelência, responde a Pedro: perdoarás, mas ilimitadamente; perdoarás cada ofensa tantas vezes quantas ela te for feita; ensinarás a teus irmãos, esse esquecimento de si mesmo, que torna uma criatura invulnerável ao ataque, aos maus procedimentos e às injúrias; serás brando e humilde de coração, sem medir a tua mansuetude; farás, enfim, o que desejas que o Pai celestial por ti faça. Não está Ele a te perdoar frequentemente? Conta porventura as vezes que o seu perdão desce a te apagar as faltas?

Prestai pois, ouvidos a essa resposta de Jesus e, como Pedro, aplicai-a a vós mesmos. Perdoai, usai de indulgência, sede caridosos, generosos, pródigos até do vosso amor. Dai, que o Senhor vos restituirá; perdoai, que o Senhor vos perdoará, abaixai-vos, que o Senhor vos elevará; humilhai-vos, que o Senhor fará vos assenteis à sua direita.

Ide, meus bem-amados, estudai e comentai estas palavras que vos dirijo da parte daquele que, do alto dos esplendores celestes, vos tem sempre sob as suas vistas e prossegue com amor na tarefa ingrata a que deu começo faz dezoito séculos. Perdoai aos vossos irmãos, como precisais que eles vos perdoem. Se seus atos pessoalmente vos prejudicaram, mais um motivo aí tendes para serdes indulgentes, porquanto o mérito do perdão é proporcionado à gravidade do mal. Nenhum merecimento teríeis em revelar os agravos dos vossos irmãos, desde que não passassem de simples arranhões.

Espíritas, jamais vos esqueçais de que, tanto por palavras como por atos, o perdão das injúrias não deve ser um termo vão. Pois que vos dizeis espíritas, sede-o. Olvidai o mal que vos hajam feito e não penseis senão numa coisa: no bem que podeis fazer. Aquele que enveredou por esse caminho não tem que se afastar daí, ainda que por pensamento, uma vez que sois responsáveis pelos vossos pensamentos, os quais todos Deus conhece. Cuidai, portanto, de os expungir de todo sentimento de rancor. Deus sabe o que demora no fundo do coração de cada um de seus filhos. Feliz, pois, daquele que pode todas as noites adormecer, dizendo: Nada tenho contra o meu próximo.

(Siméon, Bordeaux, 1862.)

15. Perdoar aos inimigos é pedir perdão para si próprio; perdoar aos amigos é dar-lhes uma prova de amizade; perdoar as ofensas é mostrar-se melhor do que era. Perdoai, pois, meus amigos, a fim de que Deus vos perdoe, porquanto, se fordes duros, exigentes, inflexíveis, se usardes de rigor até por uma ofensa leve, como querereis que Deus esqueça de que cada dia maior necessidade tendes de indulgência? Oh! ai daquele que diz: “Nunca perdoarei”, pois pronuncia a sua própria condenação. Quem sabe, aliás, se, descendo ao fundo de vós mesmos, não reconheceréis que fostes o agressor? Quem sabe se, nessa luta que começa por uma alfinetada e acaba por uma ruptura, não fostes quem atirou o primeiro golpe, se vos não escapou alguma palavra injuriosa, se não procedestes com toda a moderação necessária? Sem dúvida, o vosso adversário andou mal em se mostrar excessivamente suscetível; razão de mais para serdes indulgentes e para não vos tornardes merecedores da invectiva que lhe lançastes. Admitamos que, em dada circunstância, fostes realmente ofendido: quem dirá que não envenenastes as coisas por meio de represálias e que não fizestes degenerasse em querela grave o que houvera podido cair facilmente no olvido? Se de vós dependia impedir as consequências do fato e não as impedistes, sois culpados. Admitamos, finalmente, que de nenhuma censura vos reconheceis merecedores: mostrai-vos dementes e com isso só fareis que o vosso mérito cresça. Mas, há duas maneiras bem diferentes de perdoar: há o perdão dos lábios e o perdão do coração. Muitas pessoas dizem, com referência ao seu adversário: “Eu lhe perdoo”, mas, interiormente, alegram-se com o mal que lhe advém, comentando que ele tem o que merece. Quantos não dizem: “Perdoo” e acrescentam. “mas, não me reconciliarei nunca; não quero tornar a vê-lo em toda a

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO X)

minha vida.” Será esse o perdão, segundo o Evangelho? Não; o perdão verdadeiro, o perdão cristão é aquele que lança um véu sobre o passado; esse o único que vos será levado em conta, visto que Deus não se satisfaz com as aparências. Ele sonda o recesso do coração e os mais secretos pensamentos. Ninguém se lhe impõe por meio de vãs palavras e de simulacros. O esquecimento completo e absoluto das ofensas é peculiar às grandes almas; o rancor é sempre sinal de baixeza e de inferioridade. Não olvideis que o verdadeiro perdão se reconhece muito mais pelos atos do que pelas palavras.

(Paulo, apóstolo – Lyon, 1861.)

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO X)

Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita

Nº 23 – 21/09/2007

O Consolador – (Thiago Bernardes)

VI. Instruções dos Espíritos

I. Perdão das ofensas

O arrependimento e o perdão

O perdão

1. Muito frequentemente interpretamos o perdão como sendo simples ato de virtude e generosidade, em auxílio do ofensor, que passaria a contar com absoluta magnanimidade da vítima.
2. Preciso é perceber, porém, que, quando conseguimos desculpar o erro ou a provocação de alguém contra nós, exoneramos o mal de qualquer compromisso para conosco, ao mesmo tempo que nos desvencilhamos de todos os laços suscetíveis de apresar-nos a ele.
3. Mágoa retida é doença para o Espírito, a quem corrói as forças físicas e envenena a alma. É necessário, para a própria paz, ante quaisquer ofensas, perdoar sempre. Eis por que Jesus disse a Pedro que não se deveria perdoar apenas sete vezes, mas setenta vezes sete vezes.
4. Há, porém, duas maneiras bem diferentes de perdoar.
5. Uma, grande, nobre, verdadeiramente generosa, sem pensamento oculto, que evita, com delicadeza, ferir o amor-próprio e a suscetibilidade do adversário, ainda quando este último nenhuma justificativa possa ter. A outra é aquela em que o ofendido, ou aquele que tal se julga, impõe ao outro, condições humilhantes e lhe faz sentir o peso de um perdão que irrita, em vez de acalmar. Se estende a mão ao ofensor, não o faz com benevolência, mas com ostentação, a fim de poder dizer a toda gente: -Vejam como sou generoso!
6. Nessas circunstâncias, é impossível uma reconciliação sincera de parte a parte. Não, não há nesse modo de perdoar qualquer generosidade; há tão-somente uma forma de satisfazer ao orgulho.
7. No convívio familiar somos, constantemente, chamados a perdoar, porque estamos, muitas vezes, diante de antigos desafetos de outras encarnações, que se apresentam hoje sob a forma de cônjuge, filhos ou familiares próximos. Precisamos, por isso, muito mais de perdão dentro de casa, que na arena social, e muito mais de apoio recíproco no ambiente em que somos chamados a servir, que nas avenidas rumorosas do mundo.
8. Em auxílio a nós mesmos, temos necessidade de cultivar compreensão e apoio construtivo, no amparo sistemático a familiares e vizinhos, chefes e subalternos, clientes e associados, respeito constante à vida particular dos amigos íntimos, tolerância para com os entes amados, com paciência e esquecimento diante de quaisquer ofensas que nos assaltem o coração.

Deus perdoa?

9. Agindo assim, teremos condições de entender o perdão que Deus confere às suas criaturas, cientes de que o Criador perdoa concedendo ao devedor prazo ilimitado e facultando-lhe meios e possibilidades de resgatar o débito. Ora, que mais pode querer um devedor honesto e probo?
10. O perdão não é, portanto, uma graça concedida por Deus. Há necessidade do arrependimento com a conseqüente rogativa de perdão. O arrependimento é a confissão íntima da violação das leis morais, revelando-se não só pela insatisfação com o ato praticado, mas pelo empenho de repará-lo e não mais incidir no mesmo cometimento.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO X)

11. O arrependimento pode dar-se por toda a parte e em qualquer tempo, mas, embora seja o primeiro passo para a regeneração, por si só não basta. É preciso acrescentar a ele a expiação e a reparação.

12. O Espiritismo ensina que o efeito do arrependimento é o de desejar o arrependido uma nova encarnação para se purificar e na qual possa expiar suas faltas. A concessão renovadora para o infrator, traduzindo o perdão divino, se efetiva com a aceitação da programação cármica pelo perdoado.

13. A expiação se cumpre durante a existência corporal, mediante as provas que o Espírito enfrenta, e, na vida espiritual, pelos sofrimentos morais por que passa, inerentes ao seu estado de inferioridade.

A reparação

14. Após a expiação dos erros passados, vem, finalmente, a reparação, que consiste em fazer o bem àqueles a quem se fez o mal.

15. Quem não repara seus erros numa existência, por fraqueza ou má vontade, achar-se-á numa existência ulterior em contacto com as mesmas pessoas a quem houver prejudicado, e em condições voluntariamente escolhidas, de modo a demonstrar-lhes reconhecimento e fazer-lhes tanto bem quanto mal lhes tenha feito.

16. Praticando o bem em compensação ao mal praticado, isto é, tornando-se humilde se foi orgulhoso, amável se foi austero, caridoso se foi egoísta, benigno se foi perverso, laborioso se foi ocioso, útil se foi inútil, frugal se foi intemperante – trocando, em suma, por bons os maus exemplos perpetrados, o Espírito arrependido colhe desse esforço o seu próprio melhoramento e caminha a passos largos para a perfeição, meta final de todos nós, criaturas de Deus.

Bibliografia:

Kardec Allan, O Evangelho Segundo o Espiritismo (cap. 10, item 4.)

Kardec Allan, O Livro dos Espíritos (itens 991 e 998.)

Kardec Allan, O Céu e o Inferno (cap. 7, itens 16 e 17)

Ângelis Joanna de, As leis morais da vida, (psicografia Divaldo Franco) (item 11, pag. 38.)

Vinícius, Na seara do Mestre (págs. 172 a 174.)

Emmanuel, Alma e coração (psicografia Chico Xavier) (págs. 41 e 57.)

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO X)

Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita

Nº 50 – 06/04/2008

O Consolador – (Gerson Simões Monteiro)

VI. Instruções dos Espíritos

I. Perdão das ofensas

Perdão: antibiótico contra vingança

Não há dúvida de que aquele que não perdoa as ofensas recebidas, guardando mágoas e ressentimentos, acaba adoecendo espiritualmente, e esse estado negativo gera doenças para o corpo. E a situação piora, ainda mais, quando a pessoa sente ódio e desejo de vingança. Mas, para curar todos estes males, basta usar o “antibiótico mental” disponível na farmácia de nossa alma: o perdão.

Agora, quando pensamos em ir à forra de uma ofensa recebida revidando com outra, “pagando na mesma moeda”, certamente cairemos num círculo vicioso, alimentando a violência. E pior, acabamos perturbados pelo envolvimento das nossas vibrações negativas, aumentadas pelas do inimigo.

Em razão da falta de perdão, portanto, os centros de nossa alma entram em desarmonia, ocasionando repercussões doentias sobre o corpo, provocando lesões no funcionamento do sistema nervoso, coração, pulmões, fígado, etc.

Foi por isso que Jesus, antes de sair da Terra, erguido numa cruz, apontou-nos o caminho para encontrarmos a paz, ao rogar para Seus algozes: “Pai, perdoa-lhes porque eles não sabem o que fazem”.

Somente perdoando incondicionalmente os nossos inimigos, até mesmo os que tiraram a vida de nossos familiares, conquistaremos a paz interior, a saúde física e espiritual. E isso, evidentemente, é fundamental para estabelecermos a paz no mundo.

Perdoar, afinal de contas, é sinal de inteligência, porque o rancor, qual veneno mental, atinge primeiramente a pessoa rancorosa, tornando-a vítima do seu próprio mal proceder.

Por essa razão é que Jesus, na qualidade de médico e psicólogo de nossas almas, receitou que perdoássemos não até sete vezes, mas setenta vezes sete como o remédio mais eficaz para a saúde do corpo e da alma.

Sobre o assunto perdão, finalizo apresentando uma trova do poeta Cornélio Pires, pela mediunidade de Chico Xavier:

“Se você sofreu ofensa,

Lembre o perdão de Jesus,

Quem se ofende ajunta sombras,

Quem perdoa tem mais luz”.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO X)

6. Instruções dos Espíritos 2. A indulgência

16. Espíritas, queremos falar-vos hoje da indulgência, sentimento doce e fraternal que todo homem deve alimentar para com seus irmãos, mas do qual bem poucos fazem uso.

A indulgência não vê os defeitos de outrem, ou, se os vê, evita falar deles, divulgá-los. Ao contrário, oculta-os, a fim de que se não tornem conhecidos senão dela unicamente, e, se a malevolência os descobre, tem sempre pronta uma escusa para eles, escusa plausível, séria, não das que, com aparência de atenuar a falta, mais a evidenciam com pérfida intenção.

A indulgência jamais se ocupa com os maus atos de outrem, a menos que seja para prestar um serviço; mas, mesmo neste caso, tem o cuidado de os atenuar tanto quanto possível. Não faz observações chocantes, não tem nos lábios censuras; apenas conselhos e, as mais das vezes, velados. Quando criticais, que consequência se há de tirar das vossas palavras? A de que não tereis feito o que reprovais, visto que estais a censurar; que valeis mais do que o culpado. Ó homens! Quando será que julgareis os vossos próprios corações, os vossos próprios pensamentos, os vossos próprios atos, sem vos ocupardes com o que fazem vossos irmãos? Quando só tereis olhares severos sobre vós mesmos?

Sede, pois, severos para convosco, indulgentes para com os outros. Lembrai-vos daquele que julga em última instância, que vê os pensamentos íntimos de cada coração e que, por conseguinte, desculpa muitas vezes as faltas que censurais, ou condena o que relevais, porque conhece o móvel de todos os atos. Lembrai-vos de que vós, que clamais em altas vozes: anátema! Tereis, quiçá, cometido faltas mais graves. Sede, indulgentes, meus amigos, porquanto a indulgência atrai, acalma, ergue, ao passo que o rigor desanima, afasta e irrita. (José, Espírito protetor. Bordeaux, 1863.)

17. Sede, indulgentes com as faltas alheias, qualquer que elas sejam; não julgueis com severidade senão as vossas próprias ações e o Senhor usará de indulgência para convosco, como de indulgência houverdes usado para com os outros.

Sustentais os fortes; animai-os à perseverança. Fortalecei os fracos, mostrando-lhes a bondade de Deus, que leva em conta o menor arrependimento; mostrai a todos o anjo da penitência estendendo suas brancas asas sobre as faltas dos humanos e velando-as assim aos olhares daquele que não pode tolerar o que é impuro. Compreendei todos a misericórdia infinita de vosso Pai e não esqueçais nunca de lhe dizer, pelos pensamentos, mas, sobretudo, pelos atos: “Compreendei bem o valor destas sublimes palavras, nas quais não somente a letra é admirável, mas principalmente o ensino que ela veste.

Que é o que pedis ao Senhor, quando implorais para vós o seu perdão? Será unicamente o olvido das vossas ofensas? Olvido que vos deixaria no nada, porquanto, se Deus se limitasse a esquecer as vossas faltas, Ele não puniria, é exato, mas tampouco recompensaria. A recompensa não pode constituir prêmio do bem que não foi feito, nem, ainda menos, do mal que se haja praticado, embora esse mal fosse esquecido. Pedindo-lhe que perdoe os vossos desvios, o que lhe pedis é o favor de suas graças, para não reincirdes neles, é a força de que necessitais para enveredar por outras sendas, as da submissão e do amor, nas quais podereis juntar ao arrependimento a reparação.

Quando perdoardes aos vossos irmãos, não vos contenteis com o estender o véu do esquecimento sobre suas faltas, porquanto, as mais das vezes, muito transparente é esse véu para os olhares vossos. Levai-lhes, simultaneamente, com o perdão, o amor; fazei por eles o que pediríeis fizesse o vosso Pai celestial por vós. Substituí a cólera que conspurca, pelo amor purifica. Pregai, exemplificando, essa caridade ativa, infatigável, que Jesus vos ensinou; pregai-a como Ele o fez durante todo o tempo em que esteve na Terra, visível aos olhos corporais e como ainda a prega incessantemente, desde que se tornou visível tão somente aos olhos do Espírito. Segui esse modelo divino; caminhai em suas pegadas; elas vos conduzirão ao refúgio onde encontrareis o repouso após a luta. Como Ele, carregai todos vós as vossas cruzes e subi penosamente, mas com coragem, o vosso calvário, em cujo cimo está a glorificação. (João, bispo de Bordeaux, 1862.)

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO X)

18. Caros amigos, sede severos convosco, indulgentes para as fraquezas dos outros. É essa uma prática da santa caridade, que bem poucas pessoas observam. Todos vós tendes maus pendores a vencer, defeitos a corrigir, hábitos a modificar; todos tendes um fardo mais ou menos pesado a alijar, para poderdes galgar o cume da montanha do progresso. Por que, então, haveis de mostrar-vos tão clarividentes com relação ao próximo e tão cegos com relação a vós mesmos? Quando deixareis de perceber, nos olhos de vossos irmãos o pequeno arqueiro que os incomoda, sem atentardes na trave que, nos vossos olhos, vos cega, fazendo-vos ir de queda em queda? Crede nos vossos irmãos, os Espíritos. Todo homem, bastante orgulhoso para se julgar superior, em virtude e mérito, aos seus irmãos encarnados, é insensato e culpado: Deus o castigará no dia da sua justiça. O verdadeiro caráter da caridade é a modéstia e a humildade, que consistem em ver cada um apenas superficialmente os defeitos de outrem e esforçar-se por fazer que prevaleça o que há nele de bom e virtuoso, porquanto, embora o coração humano seja um abismo de corrupção, sempre há, nalgumas de suas dobras mais ocultas, o gérmen de bons sentimentos, centelha vivaz da essência espiritual.

Espiritismo! Doutrina consoladora e bendita! Felizes dos que te conhecem e tiram proveito dos salutarens ensinamentos dos Espíritos do Senhor! Para esses, iluminado está o caminho, ao longo do qual podem ler estas palavras que lhes indicam o meio de chegarem ao termo da jornada: caridade prática, caridade do coração, caridade para com o próximo, como para si mesmo; numa palavra: caridade para com todos e amor a Deus acima de todas as coisas, porque o amor a Deus resume todos os deveres e porque impossível é amar realmente a Deus, sem praticar a caridade, da qual fez Ele uma lei para todas as criaturas.
(Dufètre, bispo de Never – Bordeaux.)

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO X)

Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita

Nº 400 – 08/02/2015

O Consolador – (Ivomar Schuler da Costa)

VI. Instruções dos Espíritos

II. A indulgência

Indulgência, a virtude da compreensão

Sucedendo à benevolência, **Kardec** classifica a indulgência como a segunda virtude elementar da caridade.

Ao ler as obras fundamentais do Espiritismo encontram-se termos em que os significados por vezes se aproximam e por vezes se afastam, causando alguma confusão ao leitor menos atento ao processo sinonímico e diacrônico, dentro do campo semântico. Este é o caso de alguns utilizados nos evangelhos, bem como nas obras espíritas. Perdão, indulgência e misericórdia aparecem muitas vezes em :

“O Evangelho Segundo o Espiritismo”. Seriam eles sinônimos? Para que possamos entender e aplicar a caridade em toda a sua extensão, necessário se faz conhecer o sentido exato dos termos utilizados pelos luminares que em todos os tempos os revelaram a nós, como condição indispensável ao bom entendimento e à boa aplicação dos seus conselhos morais.

A caridade ainda é uma grande desconhecida; para que a sua prática seja fiel precisamos apreender o seu significado, a sua estrutura e composição. Kardec, com sua enorme capacidade intelectual, conseguiu sintetizar em apenas seis virtudes, classificadas como elementares, mais de dois mil anos de perquirições a respeito deste tema essencial para a humanidade.

A despeito de todo o cuidado que ele tomou na elaboração das obras básicas, buscando esclarecer com exatidão o significado dos termos utilizados, alguns ainda foram deixados para que a posteridade os estudasse e esclarecesse. Contando com o nosso interesse e capacidade de entendimento, e com a evolução dos métodos de interpretação, tendo em vista a impossibilidade material de escrever sobre cada mínimo detalhe, ele deixou-nos inúmeras pistas. Sem dúvida, ele sabia que os termos utilizados sofreriam alterações de sentido, assim tratou de organizar seus textos de maneira que a disposição destes oferecesse condições de serem decodificados e seus sentidos exatos serem apreendidos pelos espíritas dos séculos vindouros. A questão de que tratamos é um destes casos.

Sendo a indulgência uma das virtudes elementares da caridade, para captar o sentido exato desta não podemos, em hipótese alguma, passar ao largo do entendimento daquela. Contudo, essa tarefa não é tão fácil como pode parecer à primeira vista. No decorrer dos séculos essa virtude essencial foi expressa por diversos termos, atendendo à necessidade dos tempos e da evolução da mente humana. Tudo isso leva os interessados na própria evolução a um esforço interpretativo no qual devem procurar as raízes semânticas para apreender o seu sentido exato, pois sem isso a prática da caridade restará enfraquecida, ou distorcida.

Começamos notando que Kardec coloca uma das bem-aventuranças como título do capítulo X: Bem-aventurados os que são misericordiosos. No decorrer do capítulo vemos os evangelhos e os espíritos usarem termos como misericórdia, perdão e indulgência. Pela colocação dos termos na estrutura do capítulo, observamos que, apesar das fortes relações de sinonímia, existem perceptíveis diferenças de significado entre eles.

O posicionamento do termo misericórdia no título do capítulo nos indica que tem significado bem mais amplo do que os outros dois. Logo a seguir, no primeiro subtítulo temos “Perdoai, para que Deus vos perdoe” e depois em “Instrução dos Espíritos”, item 14, identificamos o termo “perdão” em “Perdão das ofensas”, e mais adiante “A indulgência”. Desta forma, entendemos que o sentimento de misericórdia abrange os outros dois, apesar disso causar certa confusão, já que no linguajar cotidiano costumamos utilizar ambos como sinônimos absolutos.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO X)

Vejamos as relações de sentido entre os termos utilizados. Em “Perdoai, para que Deus vos perdoe”, item 4, § 1º, Kardec diz que “Ela (a misericórdia) consiste no esquecimento e no perdão das ofensas.

O esquecimento das ofensas é próprio da alma elevada, que paira acima dos golpes que lhe possam desferir.”, o que nos leva a entender que o perdão é um ato próprio da misericórdia.

Uma característica do perdão, que podemos inferir do texto, é que os espíritos que já atingiram as culminâncias da evolução não se sentem ofendidos pelas ações derivadas das imperfeições alheias. Portanto, somente precisa perdoar quem se sente ofendido, e estes são aqueles espíritos que ainda se encontram na luta pela conquista da superioridade moral. Decorre daí que a necessidade de perdoar é sempre relativa ao nível espiritual; um dia não necessitaremos mais perdoar.

No item 15, § 1º, ainda no subtítulo “Perdão da ofensas”, Paulo, o apóstolo, diz que “o vosso adversário andou mal em se mostrar excessivamente suscetível; razão de mais para serdes indulgentes”, relacionando, desta forma, o perdão com a indulgência.

Além destas relações estabelecidas pelos espíritos, Kardec, como poliglota, deve ter percebido, devido às origens latinas do termo, que a relação entre eles é histórica e semântica. O termo indulgência era usado pelos romanos como sinônimo de outras palavras, tais como: remissão, que significava quitação, remissão, perdão; relaxatio, ou seja, alívio, atenuação; absolutio, cujo sentido era o de dissolução ou absolvição; indultum, ou mais especificamente, perdão. A palavra indultum era usada no sentido de perdão dos tributos não pagos (remissio tributum) ou de perdão das penas (remissio poenae). Não pagar os tributos devidos a César era um erro gravíssimo. Em determinadas épocas os imperadores concediam indultos, ou seja, perdão, àqueles que haviam sido condenados ou que não haviam pago seus impostos. O termo abolitio era algo parecido com uma anistia ou libertação dada durante festividades públicas, uma forma de libertação.

Um exemplo do sentido de termo sinônimo de indulgência é encontrado em: “Atos dos apóstolos 24:23”. Paulo havia sido preso e conduzido à Cesareia. Lá, depois de ouvido pelo procurador Felix, o centurião encarregado da sua guarda recebeu instruções para tratá-lo com brandura, inclusive permitindo que recebesse a visita de amigos e que fosse ajudado por eles. O texto em latim diz: habere mitigationem. A ordem era para que o centurião amenizasse a severidade e, geralmente, a crueldade, com que os prisioneiros eram tratados pelo poder imperial. Neste caso a indulgência significou brandura, suavização do tratamento dispensado ao prisioneiro.

Originalmente o termo indulgência era muito amplo e abrigava vários significados e sinônimos, inclusive o de perdão. Este era apenas um caso específico dentro do campo semântico do termo indulgência. Portanto, não se deve entender e tratar indulgência e perdão como sinônimos exatos e absolutos.

De modo semelhante ao termo em latim, indulgência para os espíritos da codificação é também abrangente.

De acordo com José, Espírito protetor, no subtítulo “Indulgência”, item 16, ela consiste em a pessoa evitar conhecer intencionalmente os defeitos alheios, e se por acaso toma conhecimento deles não os divulga, a não ser em caso em que um grupo maior possa vir a ser, ou estar, sendo prejudicado. Mesmo assim procura atenuar as suas observações. Evitar críticas e censuras aos erros alheios faz parte da indulgência.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO X)

Ela seria muito simples caso se resumisse a isto. Existem situações em que é impossível fugir a crítica e a censura, em primeiro lugar porque somos dotados pela providência divina de faculdades intelectuais e morais próprias para o exercício do discernimento entre o bem o mal, portanto, sob pena de conivirmos com o erro, não devemos nos omitir. Quando somos obrigados pela força da situação a emitir pareceres sobre o comportamento alheio, os espíritos nos recomendam a brandura. No item 15 temos:

“se fordes duros, exigentes, inflexíveis, se usardes de rigor até por uma ofensa leve, como quereis que Deus esqueça de que cada dia maior necessidade tendes de indulgência?”; no item 16, § 4, é dito:

“Sede, pois, severos para convosco, indulgentes para com os outros” e no § 5:

“Sede, indulgentes, meus amigos, porquanto a indulgência atrai, acalma, ergue, ao passo que o rigor desanima, afasta, irrita.”; no 1º § do item 17, o espírito João, Bispo de Bordéus, nos recomenda:

“Sede, indulgentes com as faltas alheias, quaisquer que elas sejam; não julgueis com severidade senão as vossas próprias ações”. O espírito Dufêtre, Bispo de Nevers, no item 18, § 1º recomenda:

“Sede severos convosco, indulgentes para com as fraquezas dos outros.”. No mesmo parágrafo ele diz que a indulgência consiste em cada um observar apenas superficialmente os defeitos de outrem, esforçando-se para fazer prevalecer os que há nele de bom e virtuoso.

A indulgência, então, implica não em fechar a mente para a percepção dos erros alheios, o que seria negar e anular as capacidades de que fomos dotados, mas sim, apesar de vê-los, suavizar nossas críticas e censuras e, simultaneamente, destacar os aspectos positivos daqueles que os cometem. Ser indulgente é tratar com menos severidade os erros alheios do que os nossos.

A razão pela qual devemos desenvolver a indulgência está em nossa própria imperfeição. No § 1º do item 13, ao tratar da questão da autoridade para julgar e condenar os erros dos outros diz:

“Atire a primeira pedra aquele que estiver isento de pecado’ disse Jesus. Esta sentença faz da indulgência um dever para nós outros. Ela nos ensina que não devemos julgar com mais severidade os outros, do que julgamos a nós mesmos, nem condenar em outrem aquilo de que nos absolvemos.”. Embora sendo autoexplicativa, podemos acrescentar que ser indulgente requer profundo autoconhecimento.

Extraímos quatro conclusões do exposto. A primeira delas é que indulgência é mais ampla do que o perdão. Existe uma área de intersecção dos significados dos termos, em que ambos se confundem; a necessidade de perdoar é temporária, pois deixa de existir quando o espírito atinge o cume da evolução moral, ao passo que a indulgência permanece sempre e cada vez mais, porquanto o espírito evoluído terá sempre de se confrontar com as imperfeições daqueles que ainda palmilham as difíceis estradas da ascensão moral. Dessa forma, como segunda conclusão temos que a indulgência se expande na medida em que o perdão se encolhe, até este desaparecer.

A terceira conclusão refere-se à identidade entre indulgência e misericórdia. Este termo aparece no título do capítulo X, ao passo que o termo indulgência, Kardec o coloca como uma das virtudes elementares da caridade. Portanto, em decorrência da expansão da indulgência na medida em que evolui o espírito, chega um momento em que se identificam como uma só virtude, embora termos diferentes a denominem. Podemos representar a misericórdia como o círculo que contém dois outros círculos inscritos e secantes. Os dois círculos secantes são a indulgência e o perdão. No entanto, quando o espírito evolui a ponto de não precisar perdoar, resta apenas um círculo inscrito; na medida em que ele evolui o círculo que representa a indulgência cresce até se confundir totalmente com o círculo maior; misericórdia e indulgência se tornam dois termos que significam a mesma virtude.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO X)

Finalmente, a quarta conclusão é que a indulgência é a capacidade de compreender os erros cometidos por outrem, devido as suas fraquezas morais. A partir do reconhecimento da nossa própria imperfeição aumentamos nossa capacidade de compreender a imperfeição dos outros. Portanto, a indulgência é substancialmente uma virtude em que o espírito, a partir do autoconhecimento, passa a entender e a sentir compaixão pelos espíritos ainda imperfeitos. O espírito abandona o orgulho, ou seja, o sentimento de superioridade que alimenta em relação aos outros. Entende, sobretudo, que todos guardam dentro de si a capacidade de se melhorarem, e assim passa a ver os outros com olhos carregados de amor.

Por isso a indulgência é a virtude da compreensão.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO X)

Crônicas e Artigos

Nº 162 – 13/06/2010

O Consolador – (Angélica Reis)

VI. Instruções dos Espíritos

II. A indulgência

O Tesouro dos Espíritos

40. Todo espírita deve portar-se com a maior humildade possível perante os seus irmãos, mas a humildade não deve nunca ser fingida, porém leal e sempre disposta a servir.

(P. 56)

41. Assim compreendendo, o espírita nunca fará alarde de saber ou de possuir faculdades, e menos ainda de considerá-las extraordinárias, expondo suas ideias de maneira prudente, sensata e oportuna. Se for importunado por um de seus irmãos, procurará responder de bom modo, tentando convencê-lo, se possível, mas sempre agindo humildemente.

(P. 57)

42. O espírita não deve olvidar que não existe empresa maior nem trabalho mais nobre, que atrair o amor leal e sincero de seus irmãos, ciente de que nada há na Terra tão proveitoso como fazer-se uma criatura de paz, de amor e de concórdia.

(P. 57)

43. Quando virmos que um de nossos confrades anda em erro, ninguém deve lançar-se contra ele, certo de que todos podemos cair enfermos do corpo e da alma. Se não for possível atraí-lo por meio da caridade, devemos atraí-lo pela indulgência.

(P. 58)

44. Há um grande meio para atraí-lo: descobrir nele alguma coisa que o agrade e que possamos estimular. Isso pode servir-nos. Contraindo amizade mais íntima, poderemos exercer a influência moral necessária para levá-lo ao bom caminho.

(PP. 58 e 59)

45. Quando tudo, porém, se fez para corrigir um irmão, sem que ele se deixe convencer, é preciso que sem ruído, sem atrito, nos afastemos dele, procurando não contaminar-nos e evitar que outros se contaminem. Evidentemente, isso se fará depois de adotados todos os recursos que nos aconselham a humildade, o amor, a indulgência e a caridade.

(P. 59)

46. Em nota de rodapé, Irmão Saulo lembra que os próprios Espíritos protetores afastam-se das criaturas que se recusam a corrigir-se. O remédio é deixá-las prosseguir na experiência que escolheram. Questão de livre-arbítrio.

(P. 59)

47. Fique claro, porém, que o espírita não deve abandonar o seu irmão numa crise, nem na doença, nem na miséria. Ao contrário, deve ser para ele como um pai ou uma mãe, consolando-o em suas aflições, assistindo-o em suas enfermidades, ajudando-o em suas necessidades, protegendo-o na velhice, dando-lhe a mão na mocidade.

(P. 60)

48. Assim agindo, demonstramos à Humanidade que a palavra irmão não é apenas uma fórmula, mas a expressão do amor que sentimos. Como consequência disso, reinaria em nossas reuniões tanta cordialidade e tanto amor, que nelas os nossos Espíritos se regenerariam. Há entre nós amor e proteção mútua, mas esta precisa ser mais decisiva.

(P. 61)

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO X)

49. Na verdade, nem sempre o amor em desenvolvimento, a caridade e a humildade dominam nos Centros espíritas e nas nossas reuniões. Causa lástima ver – afirma Miguel Vives – lutas nos Centros para as disputas dos primeiros lugares. Por isso, os que exercem mais influências num Centro são os que devem viver mais alertas, os que mais necessitam de observar as regras prescritas nos itens anteriores, encarregados que são de vigiar e conduzir os de menor compreensão e alcance.

(PP. 62 e 63)

50. Esses que, por seu entendimento, compreendem melhor e se convertem em guias de seus irmãos não mais pertencem a si mesmos, passam a ser exemplos para os demais e não podem falsear a verdade: devem ser modelos em tudo e não podem deixar-se dominar pelo amor-próprio, que é sempre um mau conselheiro.

(P. 64)

51. Não é fácil haver dissensões onde reinem o amor, a caridade e a humildade, porque cada um se considerará como o servidor dos outros, e terá prazer em sê-lo, porque saberá que assim dá cumprimento à lei e se desenvolve. Evidentemente, podem aparecer problemas de difícil solução, mas nestes casos os mais prudentes se calam e suplicam o auxílio de Deus, esperando que o tempo e os acontecimentos deem remédio aos males. Só se recorre a uma medida extrema quando nem a caridade, nem a indulgência, nem o amor e a humildade podem remediar esses males.

(PP. 67 e 68)

52. Essa medida deve ser, contudo, executada com prudência, evitando-se murmurações e sobretudo fatos que possam originar escândalos fora do meio espírita, pois escândalo e publicidade causam grandes danos aos que nos observam.

(P. 68)

(O Tesouro dos Espíritas, 1 Parte, Guia Prático para a Vida Espírita, pp. 56 e 57.)

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO X)

6. Instruções dos Espíritos 3. É permitido repreender os outros, notar as imperfeições de outrem, divulgar o mal de outrem?

19. Ninguém sendo perfeito, seguir-se-á que ninguém tem o direito de repreender o seu próximo? Certamente que não é essa a conclusão a tirar-se, porquanto cada um de vós deve trabalhar pelo progresso de todos e, sobretudo, daqueles cuja tutela vos foi confiada. Mas, por isso mesmo, deveis fazê-lo com moderação, para um fim útil, e não, como as mais das vezes, pelo prazer de denegrir. Neste último caso, a repreensão é uma maldade; no primeiro, é um dever que a caridade manda seja cumprido com todo o cuidado possível. Ao demais, a censura que alguém faça a outrem deve ao mesmo tempo dirigi-la a si próprio, procurando saber se não a terá merecido.

(São Luís – Paris, 1860.)

20. Será repreensível notarem-se as imperfeições dos outros; quando daí nenhum proveito possa resultar para eles, uma vez que não sejam divulgadas?

Tudo depende da intenção. Decerto, a ninguém é defeso ver o mal, quando ele existe. Fora mesmo inconveniente ver em toda a parte só o bem. Semelhante ilusão prejudicaria o progresso. O erro está no fazer-se que a observação redunde em detrimento do próximo, desacreditando-o, sem necessidade, na opinião geral. Igualmente repreensível seria fazê-lo alguém apenas para dar expansão a um sentimento de malevolência e à satisfação de apanhar os outros em falta. Dá-se inteiramente o contrário quando, estendendo sobre o mal um véu, para que o público não o veja, aquele que note os defeitos do próximo e faça em seu proveito pessoal, isto é, para se exercitar em evitar o que reprova nos outros. Essa observação, em suma, não é proveitosa ao moralista? Como pintaria ele os defeitos humanos, se não estudasse os modelos?

(São Luís – Paris, 1860.)

21. Haverá casos em que convenha se desvende o mal outrem?

É muito delicada esta questão e, para resolvê-la, necessário se torna apelar para a caridade bem compreendida. Se as imperfeições de uma pessoa só a ela prejudicam, nenhuma utilidade haverá nunca em divulgá-la. Se, porém, podem acarretar prejuízo a terceiros, deve-se atender de preferência ao interesse do maior número. Segundo as circunstâncias, desmascarar a hipocrisia e a mentira pode constituir um dever, pois mais vale caia um homem, do que virem muitos a ser suas vítimas. Em tal caso, deve-se pesar a soma das vantagens e dos inconvenientes.

(São Luís – Paris, 1860.)

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO X)

Crônicas e Artigos

Nº 129 – 18/10/2009

O Consolador – (Davilson Silva)

VI. Instruções dos Espíritos

III. É permitido repreender os outros, notar as imperfeições de outrem, divulgar o mal de outrem?

Perante os hipócritas

Será que devemos nos omitir ante o erro da hipocrisia? Será que neste mundo, por não ser perfeito, o homem não pode se queixar de alguém? O que dizem os Espíritos a esse respeito, à luz da sua Doutrina, sabedores de que Jesus recomendara o “não julgueis a fim de que não sejais julgados”? Disse ainda aos escribas e fariseus: “Aquele que não tiver pecado, que atire a primeira pedra”, quando do episódio da mulher adúltera (João, 8:3-11). (1)

Graças aos Espíritos, podemos entender o que quis dizer Jesus nas mencionadas frases, do seguinte modo: ao nos queixarmos do próximo, ao difundir suas falhas, impomos a nós próprios o dever de nos mostrarmos e nos mantermos condignos do mérito que julgamos possuir. Quem aponta os defeitos de alguém tem de necessariamente possuir mais virtudes que ele, embora neste mundo seja difícil alguém possuir todas as qualidades morais no mais alto grau da escala de valores espirituais.

É claro! Nosso planeta, como todo espírita sabe, não passa de um sítio de provas e expiações que, segundo o Amigo Espiritual, Irmão Tupinambá, um dos Mentores da nossa Casa, a Feap (Fraternidade Espírita Aurora da Paz), “é um imenso hospital onde um enfermo costuma criticar a doença do outro”. Entendam-se aqui por enfermos os doentes da alma. Doentes não são só aqueles que sofrem dos males do corpo físico, e uma das maiores doenças daqui é a de não só ver as falhas alheias, mas a de torná-las públicas pelo simples prazer de divulgá-las; é a conhecida fofocagem, ou intriga, ou bisbilhotice que costuma denegrir reputações.

Um grande defeito

No décimo capítulo de O Evangelho segundo o Espiritismo, item 10, lê-se: “Um dos defeitos da Humanidade é ver o mal de outrem antes de vê-lo em nós”. “Para julgar-se a si mesmo, seria preciso poder olhar-se num espelho, transportar-se de alguma forma, para fora de si, e se considerar como uma outra pessoa, perguntando-se: Que pensaria eu se visse alguém fazer o que faço?”, comentou Allan Kardec.

É. Mas, às vezes, temos mesmo obrigação de apontar a falta alheia. Consultando ainda este guia seguro, O Evangelho, encontramos uma outra mensagem, a do Espírito São Luís, no mesmo capítulo, item 19. Diz S. Luís que todos temos o direito de repreender o próximo, uma vez que cada um deve trabalhar para o progresso coletivo; no entanto, afirma: “Repreender com moderação, com um fim útil, e não como se faz, geralmente, pelo gosto de denegrir”. Conforme o Mentor de Kardec, deve-se corrigir o mal no próximo, mas com bastante prudência, objetivando ajudar para não acarretar prejuízos a terceiros. Devemos repreender, mas com moderação, de acordo com o Mentor.

Então é um dever desmascarar o hipócrita antes que possa causar danos a muitos? Sim! O espírita sincero jamais contemporizará com a manifestação das falsas virtudes, exercendo ele próprio o decoro em quaisquer momentos da sua vida, honrando compromissos com os seus irmãos e, principalmente, com aqueles mais próximos, consoante ensinamentos de Jesus.

O Mestre não transigiu em tempo algum com a hipocrisia. A prova é tanta que usou de todo o rigor com os escribas e fariseus, considerando-os modelo de hipócritas. (2) Apesar disso, Jesus foi indulgente com as “pessoas de má vida”, com o “bom ladrão”, especialmente com

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO X)

aqueles que O insultaram, condenaram na cruz, dando a entender que ser hipócrita é pior que ser criminoso, que ser adúltero.

Somente para os outros

Hipócritas mostram-se, em geral, afáveis, com voz macia, parecendo evoluídos, capazes de transmitir grandes ensinamentos de púlpito para os seus iludidos circunstantes. São adeptos daquele conhecido princípio: “Faze o que eu mando, mas não faças o que eu faço”, quer dizer, perdão, fraternidade, igualdade, caridade, humildade e decência são somente para outros. Sim, suas pretensões os encegecem de uma forma tal que, no momento em que levantam a voz, transformam-se em talentosos atores ou atrizes, a ponto de representarem um personagem imaculado, de uma impressionante e comovente dramaticidade.

Dividamos agora os hipócritas em duas categorias. Dividirmo-los em duas categorias distintas:

(a) hipócritas egoístas; (b) hipócritas vaidosos. Os da categoria a, os egoístas, são uma espécie de impostor que “gosta de levar vantagem em tudo”, aproveitam-se da sua farsa para satisfazer seus egoísticos interesses mundanos. Os da categoria b, isto é, os vaidosos, são aqueles que desejam mais, a qualquer custo, merecer a admiração de todos, o destaque, o brilho, tendo todo o cuidado de aparentar desinteresse, modéstia.

Não é fácil desmascarar estes últimos. Diferentes dos da categoria a que, se descobertos, não dão a mínima para o que pensem deles, estes últimos, ocultos atrás da máscara da pseudomodéstia, fazem-se de vítima.

Só pessoas de uma certa maturidade do senso moral é que têm mais facilidade de entender-lhes os propósitos, de divisar-lhes a arrogância maquiada de simplicidade. Pois é, os dessa categoria são os hipócritas dos hipócritas, os mais difíceis de acusar o fundo das intenções.

Ao contrário dos da categoria a, se revelados, não poupam esforços para revertério de um quadro desfavorável como se o destino os tivesse feito sucumbir a uma grande e injusta tragédia.

(Esta categoria, de algum modo, tem muito a ver com os antigos escribas e fariseus, os que tinham Jesus por inimigo.)

Vale ressaltar, no entanto, que tais qualidades podem até se resumir em uma ou em outra categoria, sendo ambas as espécies de hipócritas por demais parecidas. Esforçando-se por realizar obras benemerentes, eles têm boas palavras, frases que impressionam para que os outros pensem que são realmente bonzinhos, caridosos, justos e acima de qualquer suspeita. No íntimo, num ou noutro caso, eles sempre ambicionam algo... Os hipócritas não passam de pessoas sem nenhuma seriedade e, de contínuo, não têm palavra, é claro, como todo bom impostor que se preze. Ainda que ajudem asilos, hospitais, os pobres com a cesta básica, o agasalho, a cadeira de rodas, o enxoval de bebê da mãe solteira etc., no fundo, vivem de uma impostura.

Concluindo: temos de combater o mal, sim, sem, contudo, oprimir, esmagar quem o pratica, caso contrário estaremos automaticamente a incorrer em contradição. O bom senso manda admoestar sem difamar para não expandir sentimentos de vingança, mesmo que alguém tenha feito por onde. Hipócritas de qualquer setor humano, sobretudo o religioso, podem iludir os homens; todavia, jamais a Deus que tudo vê e sabe o que se passa no fundo do coração de cada um de nós. É pela árvore que se conhece os frutos.

(1) **Kardec** Allan, O Evangelho Segundo o Espiritismo, (capítulo 10º, item 11 a 13.)

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO X)

Crônicas e Artigos

Nº 138 – 20/12/2009

O Consolador – (Orson Peter Carrara)

VI. Instruções dos Espíritos

III. É permitido repreender os outros, notar as

imperfeições de outrem, divulgar o mal de outrem

Falar ou não falar

Eis uma questão muito delicada. Como agir diante de circunstâncias, fatos, posturas que denotem conduta inadequada? Quando devemos e como fazemos para chamar a atenção de alguém por comportamentos que comprometem a segurança e paz de outras criaturas, por exemplo? Ou de alguém que se rebela diante dos critérios de funcionamento de uma reunião ou instituição?

Há que se considerar que cada caso é um caso por si só. Há agravantes, atenuantes, características próprias e peculiaridades a cada situação que nunca permitem estabelecer-se uma receita pronta que resolva todas as ocorrências. Por isso recorramos à Doutrina Espírita.

O capítulo X de O Evangelho segundo o Espiritismo traz importante contribuição ao estudo do tema. Kardec o intitulou Bem-Aventurados Aqueles que são Misericordiosos, inserindo instruções dos Espíritos sobre o perdão, a indulgência, reconciliação com os adversários e suas próprias análises, inclusive também sobre o ensino de Jesus do Não Julgueis.

Para análise e reflexão geral, porém, transcrevemos abaixo as instruções do Espírito São Luiz pertinentes à delicada questão e constantes do final do referido capítulo (os grifos são nossos):

É permitido repreender os outros, notar as imperfeições de outrem, divulgar o mal de outrem?

19. Ninguém sendo perfeito, seguir-se-á que ninguém tem o direito de repreender o seu próximo? Certamente que **não é essa a conclusão a tirar-se**, porquanto cada um de vós deve trabalhar pelo progresso de todos e, sobretudo, daqueles cuja tutela vos foi confiada. Mas, por isso mesmo, **deveis fazê-lo com moderação, para um fim útil, e, não, como as mais das vezes, pelo prazer de denegrir.**

Neste último caso, a repreensão é uma maldade;

No primeiro, é um dever que a caridade manda seja cumprido com todo o cuidado possível.

Ao demais, a censura que alguém faça a outrem deve ao mesmo tempo dirigi-la a si próprio, procurando saber se não a terá merecido.

(S. Luís. Paris, 1860.)

20. Será repreensível notarem-se as imperfeições dos outros, quando daí nenhum proveito possa resultar para eles, uma vez que não sejam divulgadas? Tudo depende da intenção. Decerto, a ninguém é defeso ver o mal, quando ele existe.

Fora mesmo inconveniente ver em toda a parte só o bem. Semelhante ilusão prejudicaria o progresso. O erro está no fazer-se que a observação redunde em detrimento do próximo, desacreditando-o, sem necessidade, na opinião geral. Igualmente repreensível seria fazê-lo alguém apenas para dar expansão a um sentimento de malevolência e à satisfação de apanhar os outros em falta. Dá-se inteiramente o contrário quando, estendendo sobre o mal um véu, para que o público não o veja, aquele que note os defeitos do próximo o faça em seu proveito pessoal, isto é, para se exercitar em evitar o que reprova nos outros. Essa observação, em suma, não é proveitosa ao moralista? Como pintaria ele os defeitos humanos, se não estudasse os modelos?

(S. Luís. Paris, 1860.)

21. Haverá casos em que convenha se desvende o mal de outrem? É muito delicada esta questão e, para resolvê-la, necessário se torna apelar para a caridade bem compreendida. Se as imperfeições de uma pessoa só a ela prejudicam, nenhuma utilidade haverá nunca em divulgá-la.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO X)

Se, porém, podem acarretar prejuízo a terceiros, deve-se atender de preferência ao interesse do maior número. **Segundo as circunstâncias, desmascarar a hipocrisia e a mentira pode constituir um dever, pois mais vale caia um homem, do que virem muitos a ser suas vítimas. Em tal caso, deve-se pesar a soma das vantagens e dos inconvenientes.** — São Luís. (Paris, 1860.)”

Eis o grande desafio: perceber realmente essa observação final da instrução superior. Daí a própria instrução acima transcrita destacar: É muito delicada esta questão e, para resolvê-la, necessário se torna apelar para a caridade bem compreendida. A caridade bem compreendida engloba, conforme a entendia Jesus o perdão das ofensas, a benevolência para com todos e a indulgência para com as faltas alheias, conforme ensino da questão 886 de O Livro dos Espíritos, onde Kardec acrescenta como comentário pessoal: “amar ao próximo é fazer-lhe todo o bem que está ao nosso alcance e que gostaríamos nos fosse feito a nós mesmos”.

Por outro lado, o tema também é abordado na questão 903 de O Livro dos Espíritos:

“903. Incorre em culpa o homem, por estudar os defeitos alheios? Incorrerá em grande culpa, se o fizer para os criticar e divulgar, porque será faltar com a caridade. Se o fizer, para tirar daí proveito, para evitá-los, tal estudo poderá ser-lhe de alguma utilidade. Importa, porém, não esquecer que a indulgência para com os defeitos de outrem é uma das virtudes contidas na caridade. Antes de censurardes as imperfeições dos outros, vede se de vós não poderão dizer o mesmo. Tratai, pois, de possuir as qualidades opostas aos defeitos que criticais no vosso semelhante. Esse o meio de vos tornardes superiores a ele. Se lhe censurais o ser avaro, sede generosos; se o ser orgulhoso, sede, humildes e modestos; se o ser áspero, sede brandos; se o proceder com pequenez, sede, grandes em todas as vossas ações. Numa palavra, fazei por maneira que se não vos possam aplicar estas palavras de Jesus: Vê o argueiro no olho do seu vizinho e não vê a trave no seu próprio”.

Portanto, haverá casos e casos, mas sempre a caridade deverá pautar nossas ações, ainda que para advertir, afastar ou orientar alguém. Muitas vezes nos depararemos com pessoas e situações que trarão prejuízos a muitos e o dever da caridade impõe nossa ação de Falar ao invés, de Não falar. Porém, sem interferir no livre-arbítrio das criaturas. E, ao mesmo tempo, usando da indulgência, como ensinam os Bons Espíritos. Eis o desafio a nos ensinar.